



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

SONIA LUCIA NUNES PINTO

**AS RECONFIGURAÇÕES DO TELEJORNALISMO LOCAL EM CONTEXTO DE
PANDEMIA: ANÁLISE DO PROGRAMA ASSEMBLEIA INFORMA DA TV ALE-
RR**

BOA VISTA/RR

2021

SONIA LUCIA NUNES PINTO

**AS RECONFIGURAÇÕES DO TELEJORNALISMO LOCAL EM CONTEXTO DE
PANDEMIA: ANÁLISE DO PROGRAMA ASSEMBLEIA INFORMA DA TV ALE-
RR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Roraima, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação, na área de concentração: Comunicação

Orientadora: Prof.^a Dra. Vângela Maria Isidoro de Moraes

BOA VISTA/RR

2021

SONIA LUCIA NUNES PINTO

**AS RECONFIGURAÇÕES DO TELEJORNALISMO LOCAL EM CONTEXTO DE
PANDEMIA: ANÁLISE DO PROGRAMA ASSEMBLEIA INFORMA DA TV ALE-
RR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Roraima, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação, na área de concentração: Comunicação

Orientadora: Prof.^a Dra. Vângela Maria Isidoro de Morais

Prof.^a Dra. Vângela Maria Isidoro de Morais
Orientadora/Curso de Comunicação/UFRR

Prof.^a Dra. Lisiane Machado Aguiar
Curso de Comunicação/UFRR

Prof.^a Dr. Adrián José Padilha Fernandez
Universidad Nacional Experimental Simón Rodríguez (UNESR-VENEZUELA)

Prof.^o Dr. Jonildo Viana dos Santos
Suplente/Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena/UFRR

À minha mãe-avó Elza (*In memoriam*),
que sempre acreditou em mim,
com amor e fé.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de concluir mais uma etapa de estudos, tão raro em tempos sombrios, onde a ciência é sufocada por um presidente genocida.

Agradeço imensamente ao meu irmão Jeferson Nunes por me incentivar e me mostrar que sou capaz. Que é possível transformar sonhos em realidade.

Ao seu José Velásquez. Um homem de muita fé e de um conhecimento incrível. Humildade e empatia. Gratidão!

Agradeço a paciência (nem tanta assim..) do meu companheiro Érico Veríssimo pelas inúmeras noites que se transformaram em manhãs e tardes de estudo. A renúncia era necessária para a realização de um sonho. No final, tudo deu certo. Te amo!

À minha mãe Zenaide, que chorou comigo e sentiu minha dor, minhas angústias e sempre me incentivou a continuar. Afinal, a filha dela avançou mais um degrau e cada conquista era tida como sua. Imensurável minha gratidão por tudo.

Agradeço os meus filhos Lucas Gabriel, Sofia e Alice pela compreensão. Foi por vocês que compreendi que seguir em frente era a única alternativa. Amor eterno.

Agradeço a minha orientadora Vângela Maria pela paciência e perseverança de não desistir de mim. Me buscou no fundo do poço e me trouxe de volta para a luta diária. Afinal, sem luta não há vitória. Gratidão!

Agradeço com o coração e espírito aos professores Adrián e Lisiane. Sem o apoio de vocês, nada disso seria possível. “Ninguém solta a mão de ninguém”.

Agradeço ao meu amigo e professor doutor Jonildo Viana. Lá no início foi ator importante nesse caminhar.

Agradeço à minha ex-chefa Élissan Paula que me apoiou e compreendeu os dias que precisei me ausentar do trabalho para estudar diante de uma rotina tão intensa que é a comunicação da Assembleia Legislativa de Roraima.

Agradeço as minhas amigas Adriana, Camila, Leo, Gabi, Vandinha, Marilena e Yana, e demais colegas de trabalho pelo incentivo e apoio. Meus irmãos Kess, José Carlos e sobrinhos, gratidão.

Quando sairmos desse pesadelo, nem tudo voltará a ser como era antes. Mas é o conteúdo, a qualidade da apuração e a clareza da reportagem que definem nosso trabalho.

(Bridi, p. 207, 2020)

HOMENAGEM AOS JORNALISTAS BRASILEIROS MORTOS PELA COVID-19

Em meio à pandemia, milhares de profissionais atuaram na linha de frente e perderam a vida para a colvid-19. Enfermeiros, médicos, técnicos de enfermagem, pessoas ligadas diretamente à área da saúde que, mesmo diante do desconhecido, não deixaram de cumprir seu papel e o juramento que fizeram de salvar vidas. Mas a tragédia também alcançou aqueles que não lidam diretamente com pacientes, mas ajudam a população a se manter informada sobre os trágicos números da doença registrados dia a dia: são os profissionais da imprensa que, de certa forma, também estão na linha de frente e se expõem com frequência ao perigo.

Em 6 de abril de 2021, véspera do Dia do Jornalista, a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) atualizou os dados do dossiê com o número de profissionais mortos pela covid-19 referentes ao primeiro trimestre do ano, colocando o Brasil como o país com o maior número de casos.

O levantamento revela que foram pelo menos 169 jornalistas vitimados pela doença entre abril de 2020 e março de 2021. Nos três meses deste ano, o número de mortes superou o total das ocorridas em todo o ano de 2020, quando foram registrados 78 óbitos contra 86 do primeiro trimestre de 2021. Os dados são do Departamento de Saúde da Fenaj levantados a partir de notícias e de acompanhamento pelos sindicatos da categoria.

Os estados com maior número de mortes de jornalistas são Amazonas, Pará e São Paulo, com 19 ocorrências cada, seguidos do Rio de Janeiro (15) e Paraná (13). A maioria das vítimas tinha entre 51 e 70 anos (54,9% das mortes) e entre homens, sendo que 9,8% são mulheres jornalistas.

Pela média, o ano de 2020 registrou 8,5 mortes por mês; em 2021, no primeiro trimestre, atingiu-se a marca de 28,6 mortes, praticamente uma por dia. Somente em março, foram 47 óbitos. No início de abril, mais cinco mortes ocorreram antes da Páscoa, elevando o total de vítimas da covid-19. “Esses números são ainda mais contundentes quando comparados com jornalistas assassinados em todo o mundo. Em 2020, conforme o Repórteres Sem Fronteiras foram 50 casos, incluindo países em guerra”, destaca a Fenaj.

Embora os números sejam alarmantes, eles ainda podem ser piores, de acordo com a própria Fenaj, devido à subnotificação de casos em virtude não haver um sistema oficial de coleta desses dados.

Como forma de homenagem às vítimas e um grito de alerta para que as autoridades adotem as medidas necessárias para conter a doença que, até 25 de abril de 2021, já havia

tirado a vida de mais 390 mil brasileiros, segue abaixo a relação de profissionais da imprensa que morreram em pouco mais de um ano de pandemia. Nunca serão só números!

Abril

13-abr-20 José Augusto Nascimento Silva Rio de Janeiro (RJ) 57 anos

19-abr-20 Renan Antunes Florianópolis (SC) 71 anos

21-abr-20 Robson Thiago Rio de Janeiro (RJ) 36 anos

24-abr-20 Roberto Fernandes São Luís (MA) 61 anos

25-abr-20 Roberto Augusto dos Santos Manaus (AM) 69 anos

30-abr-20 Marcelo Bittencourt São Paulo (SP) 68 anos

30-abr-20 Luiz Edgar de Andrade Rio de Janeiro (RJ) 89 anos

Mai

1-mai-20 Fernando Sandoval São Paulo (SP) 78 anos

1-mai-20 Emery Jussier Costa Rio Grande do Norte (RN) 74 anos

5-mai-20 Márcio Garçone Rio de Janeiro (RJ)

7-mai-21 Antônio Maria Zacarias da Costa Filho Belém (PA) 81 anos

7-mai-20 Marcos Dublê Fortaleza (CE) 41 anos

8-mai-20 Jesus Chediak Rio de Janeiro (RJ) 78 anos

13-mai-21 Hélio Furtado Belem (PA) 64 anos

13-mai-20 Uliana Motta Belém (PA) 33 anos

15-mai-20 Alexandre Rangel Fortaleza (CE) 58 anos

18-mai-20 Manuel Gomes Silva Campina Grande (PB)

28-mai-20 Lauro Freitas Filho Rio de Janeiro (RJ) 61 anos

Junho

5-jun-20 Eledilson Colares Manaus (AM) 57 anos

4-jun-20 Waldeny Andrade Itabuba (BA) 85 anos

15-jun-20 Wilson de Souza São Paulo (SP)

16-jun-20 Edvaldo Silva Palmeira dos Índios (AL) 64 anos

19-jun-20 Letícia Fava Jundiá (SP) 28 anos

20-jun-20 Wilson de Souza Porto Velho (RO) 64 anos

20-jun-20 Thayllon Peres Boa Vista (RR)

27-jun-20 Zildetti Montiel São Paulo (SP)

Julho

- 5-jul-20 Paulo Macedo Natal (RN) 88 anos
- 17-jul-20 José Paulo de Andrade São Paulo (SP) 78 anos
- 20-jul-21 Jorge Mário Cruz Cohen Santarém (PA) 57 anos
- 24-jul-20 Mário Marques Nunes Jr Terezina (PI)
- 28-jul-20 Rodrigo Rodrigues Rio de Janeiro (RJ) 45 anos
- 29-jul-20 Joaquim Junior Ribeirão Branco (SP) 38 anos

Agosto

- 5-ago-20 José Raimundo Alves Salvador (BA) 67 anos
- 10-ago-20 Edegar Schmidt Porto Alegre (RS) 71 anos
- 13-ago-20 Carlos Alberto Pereira Brasília (DF) 63 anos
- 18-ago-20 Beto Rezende Recife (PE) 60 anos
- 19-ago-20 Rômulo Daltro Lagarto (SE) 52 anos
- 21-ago-20 Humberto Lira João Pessoa (PB) 77 anos
- 29-ago-20 Leyde Alves Pedroso Campo Grande (MS) 52 anos

Setembro

- 6-set-20 Marcelo Motta Vieira Curitiba (PR) 56 anos
- 10-set-20 Lima Neto Porto Velho (RO) 92 anos
- 11-set-20 Karina Paula Araújo Campina Grande (PB) 48 anos
- 12-set-20 João Batista Pereira Junia (MT) 56 anos
- 14-set-20 Ari Borges São Paulo (SP) 63 anos

Outubro

- 8-out-20 Edson Luiz Brasília (DF) 60 anos
- 11-out-20 José Nogueira de Sousa Junior Palemirante (TO) 53 anos
- 14-out-20 Alberto Coura Brasília (DF) 63 anos
- 23-out-20 Lenine Martins Cuiaba (MT) 64 anos
- 28-out-20 Altair Costa Manaus (AM) 54 anos
- 28-out-20 Ronaldo Kracieski Cascavel (PR) 50 anos
- 30-out-20 Anésio Jr Palmas (TO) 63 anos

Novembro

- 3-nov-20 Celivaldo Carneiro Santarém (PA) 64 anos

4-nov-20 Zaqueu Gois Aracaju (SE) 57 anos
4-nov-20 Carlota Medeiros Balneário Camboriú (SC) 47 anos
7-nov-20 Chico Leal Teresina (PI) 64 anos
9-nov-21 Jorge Mendes Belém (PA) 61 anos
10-nov-20 José Honório Garcia Rocha Manaus (AM) 56 anos
11-nov-20 João Carlos Pereira Belém (PA) 61 anos
11-nov-20 Romeu Cesar Valinhos (SP) 59 anos
11-nov-20 Saulo Gomes Imperatriz (MA) 56 anos
20-nov-20 Gessi Taborda Porto Velho (RO) 69 anos
27-nov-20 Marcio Tadeu dos Santos Santos (SP) 43 anos
30-nov-20 Sergio Jorge São Paulo (SP) 83 anos

Dezembro

1-dez-20 Alécio Weizenmann Arroio do Meio (RS) 68 anos
5-dez-20 Humberto Coelho Teresina (PI) 60 anos
7-dez-20 Ulysses Paulo de Athayde Marcondes Manaus (AM) 46 anos
11-dez-20 Anselmo Tavares Aracaju (SE) 62 anos
11-dez-20 Paulo Camargos Belo Horizonte (MG) 64 anos
12-dez-20 Alexandre Nunes Santa Rita (PB) 62 anos
13-dez-20 Alair Xavier Congonhas (MG) 56 anos
14-dez-20 Janael Labes Curitiba (PR) 24 anos
15-dez-20 Nilson Rachid Rondonópolis (MT) 68 anos
16-dez-20 Alberto Cattani Cascavel (PR) 53 anos
16-dez-20 Orlando Duarte São Paulo (SP) 89 anos
17-dez-20 Régis Vera Cruz Marques São Luís (MA) 62 anos
20-dez-20 João Riedlinger Cascavel (PR) 55 anos
30-dez-20 Guilherme Villalba Zurutuza Filho Campo Grande (MS) 64 anos
30-dez-20 Gustavo Roman São Paulo (SP) 45 anos

Janeiro

1-jan-21 Ananda de Amaral Valente Volta Redonda (RJ) 31 anos
4-jan-21 Agnaldo Oliveira Manaus (AM) 44 anos
6-jan-21 Adão Nereu Bauru (SP) 62 anos
7-jan-21 Izinha Toscano Manaus (AM) 31 anos

7-jan-21 Ailton Carlos de Lima Villanova Macieo (AL) 79 anos
8-jan-21 Ronaldo Castro Rio de Janeiro (RJ) 49 anos
10-jan-21 Raphael Acioli Recife (PE) 36 anos
11-jan-21 Francis Batista de Carvalho Manaus (AM) 49anos
11-jan-21 Jaime Leitoles Curitiba (PR) 56 anos
11-jan-21 Stanley Gusman Belo Horizonte (MG) 49 anos
13-jan-21 Algaci Tulio Curitiba (PR) 80 anos
13-jan-21 Israel Pinheiro Manaus (AM) 38 anos
13-jan-21 Ali Jesini Manaus (AM) 77 anos
13-jan-21 André Luiz de Oliveira Montenegro (RS) 59 anos
14-jan-21 Fernando Soares Campina Grande (PB) 53 anos
16-jan-21 Antônio Carlos Basílio da Silva Curitiba (PR) 53 anos
22-jan-21 Adamor Santana Liberal de Jesus Manaus (AM) 73 anos
23-jan-21 Plácido José de Oliveira Foz do Iguaçu (PR) 60 anos
25-jan-21 Marcelo Bennesby Manaus (AM) 51 anos
25-jan-21 Carlos Araújo Manaus (AM)
25-jan-21 Tarcisio Pereira Recife (PE) 73 anos
26-jan-21 Osmar Moraes Santos Roraima 46 anos
27-jan-21 Jair da Motta Caxias do Sul (RS) 59 anos
28-jan-21 Antonio Freire Toga Manaus (AM) 67 anos
28-jan-21 Ednelson Moura da Trindade Santarém (PA) 58 anos
29-jan-21 Edson Xavier Santa Catarina (SC) 56 anos

Fevereiro

2-fev-21 Paulinho Montalvão Belém (PA) 58 anos
3-fev-21 Dedé Simões Lagarto (SE) 39 anos
7-fev-21 Vanusa Torchi São Paulo (SP)
7-fev-21 Assis Tavares Fortaleza (CE) 84 anos
7-fev-21 Edmundo da Silva Baía Santarém (PA) 63 anos
14-fev-21 Chagas Pereira Porto Velho (RO) 65 anos
17-fev-21 Diego Mesquita Manaus (AM) 27 anos
18-fev-21 Coraci Fernandes dos Santos Manaus (AM) 60 anos
19-fev-21 Juarez Serpa Filho Fortaleza (CE) 62 anos
24-fev-21 Lúcia Souza Rio de Janeiro (RJ) 51 anos

26-fev-21 Paulo Becker Juara (MT) 64 anos
27-fev-21 Júlio Cesar Alves Pires Ponta Grossa (PR) 64 anos
28-fev-21 Emílio Antônio Corrêa da Costa Belém (PA) 62 anos

Março

1-mar-21 Elessandro Alves Ariqueemes (RO) 43 anos
1-mar-21 Ary Aleixo Manaus (AM) 54 anos
1-mar-21 Murilo Gatti Maringá (PR) 41 anos
2-mar-21 Fernando Sérgio Belém (PA) 67 anos
7-mar-21 Elisângela Nepomunceno Cuiabá (MT) 47 anos
9-mar-21 Paulo Mori Taboão da Serra (AP)
11-mar-21 Maria Aparecida Serique Pereira Santarém (PA) 66 anos
11-mar-21 Alfredo Fernandes Torres Manaus (AM) 62 anos
11-mar-21 Tulio Moreira Tramandai (RS) 64 anos
12-mar-21 Nilo Alves Palmas (TO) 63 anos
13-mar-21 Márcio Nogueira Poa (SP) 42 anos
13-mar-21 Clara Mercedes Guzman Daza Manaus (AM) 57 anos
13-mar-21 Márcio Tadeu Santos SP 43 anos
14-mar-21 Ronaldo Porto Belém (PA) 69 anos
14-mar-21 Flávio Moreira Fortaleza (CE) 62 anos
15-mar-21 Robson Filene Goiânia (GO) 52 anos
16-mar-21 Sebastião Farconara Belém (PA) 56 anos
16-mar-21 Gilmar Vasconcelos Salvador (BA) 50 anos
17-mar-21 Ulisses Laurindo Macapá (AP) 91 anos
18-mar-21 Rafael Marinho Nova Iguaçu (RJ) 39 anos
19-mar-21 Vanessa Nastri Vila Velha (ES)
19-mar-21 Geraldo Lobato Ramos Belém (PA) 70 anos
19-mar-21 Wellington Pereira PB 60 anos
20-mar-21 Oswaldo Braglia Belém (PA) 63 anos
20-mar-21 Fládson Amazonas Vieira de Melo Aracaju (SE)
20-mar-21 Taylor Melha Campo Bom (RS) 26 anos
21-mar-21 Jorge Antonio da Silva Florianópolis (SC)
21-mar-21 Anísio Gorayeb Porto Velho (RO) 66 anos
22-mar-21 Erivaldo Andrade Altamira (PA) 53 anos

22-mar-21 Rosivaldo Sena Cuiabá (MT) 65 anos
23-mar-21 Marcus Vinícius Fernandes Curitiba (PR) 51 anos
23-mar-21 Luiz Antonio Silva Bezerra, São Bernardo do Campo (SP) 57 anos
24-mar-21 Hélio Costa Curitiba (PR) 70 anos
24-mar-21 Mário Dias Niterói (RJ) 78anos
25-mar-21 Fernando Matos Boa Vista (RR) 45 anos
25-mar-21 Petrônio Pacheco da Fonseca Viçosa (MG) 85 anos
25-mar-21 Juares Amaral de Medeiros Campina Grande (PB) 70 anos
25-mar-21 Sandro Oliveira Maceio (AL) 42 anos
25-mar-21 Garibaldi Sá Recife (PE) 91 anos
25-mar-21 Lucélia Fernandes Damasceno Belém (PA) 63 anos
25-mar-21 José Carlos Cataldi Rio de Janeiro (RJ) 67 anos
27-mar-21 Paulo Stein. Rio de Janeiro (RJ) 73 anos
27-mar-21 Paulo Tavres Salvador (BA) 73 anos
27-mar-21 Rosenira Alves São Luis (MA) 60 anos
29-mar-21 Sérgio Aparecido Torres Piedade (SP) 44 anos
29-mar-21 Denilson Pinto Campo Grande (MT) 53 anos
30-mar-21 Kleber Vieira Petrópolis (RJ) 45 anos

Abril (até o dia 3)

2-abr-21 Vilmar Berna Niterói (RJ) 64 anos
3-abr-21 Giorgete Treviso São Paulo (SP) 67 anos
3-abr-21 Ozias Alves Júnior Biguaçu (SC) 50 anos
3-abr-21 Savas Apóstolo Florianópolis (SC) 39 anos
4-abr-21 Hércules Dias Palmas (TO) 68 anos

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1- A apresentadora Raynãa Fernandes à frente do programa Assembleia Informa ..	42
Figura 2- Equipe da TV Assembleia em cobertura das ações da ALE-RR antes da pandemia	45
Figura 3- Repórter Lana Francis durante entrevista sobre cultura e arte antes da pandemia	46
Figura 4- Um dos vários momentos vividos pela repórter Beatriz Prill durante a reportagem antes da pandemia	48
Figura 5- A fonte passou a segurar o microfone como medida de segurança	58
Figura 6- Apresentadores Otacílio Medeiros e Beatriz Prill da edição extra do AI das 12h ..	59
Figura 7- Equipe da TV Assembleia em cobertura durante a pandemia	62
Figura 8- Carla Albuquerque grava para o Em Pauta e o jornal Assembleia Informa por meio de videochamadas	63
Figura 9- Camila Dall'Agnol e a apresentação da Sessão ao Vivo via Skype, num espaço improvisado da casa virou um estúdio	67
Figura 10- Profissionais nas externas, distanciamento e o uso de máscaras	69

RESUMO

O ano de 2020, assolado pela pandemia do novo coronavírus, marcou o início de grandes desafios para a vida humana, afetando as dimensões particular e pública, em diferentes perspectivas das relações sociais, políticas, econômicas e culturais. A presente pesquisa analisa as involuntárias reconfigurações do telejornalismo local em decorrência desse contexto, por meio da experiência do programa Assembleia Informa da TV Legislativa do Estado de Roraima. A base teórica busca nos estudos culturais e na mediação da tecnicidade a articulação entre as conexões culturais e tecnológicas para compreender a reinvenção dos modos de fazer e de participar dos processos de elaboração da notícia, nesse cenário em que a ameaça do vírus modifica o campo das interações sociais. Em torno disso se indaga: De que modo as restrições de ordem sanitárias mundiais afetaram o modo de fazer telejornalismo, a partir do estudo das práticas do programa Assembleia Informa? Como a mediação da tecnicidade ajuda a perceber as alterações no processo de produção do telejornalismo no contexto de pandemia? A pesquisa se baseia no método da observação participante, no período de março a agosto de 2020, e na realização de entrevistas com profissionais da imprensa que acompanharam esse recorte temporal da chegada e do agravamento dos números de contágios e óbitos e, conseqüentemente, a implementação de medidas mais rígidas de isolamento social que afetaram a rotina das atividades jornalísticas. A abordagem desse tema confirma o comportamento reativo do telejornalismo e o lugar central da tecnicidade como estratégia de sobrevivência nesse difícil contexto cultural.

Palavras-Chave: Telejornalismo. Pandemia; Televisão Legislativa; Tecnicidade.

ABSTRACT

The year of 2020, devastated by the pandemic of COVID-19, marked the beginning of great challenges in human life, affecting private and public dimensions, in different perspectives of social, political and cultural relations. This current research analyzes the involuntary reconfigurations of local television news as result of this context, by the experience of the program 'Assembleia Informa' from the Legislative TV of the State of Roraima. The theoretical basis seeks in cultural studies and in the mediation of technology, the articulation between cultural and technological specifics in order to understand the reinvention of ways of doing and participating in the processes of news development in this scenario, in which the threat of the virus changes the field of social interactions. A question is being asked on its concerning: In which way the restriction of the Health world order has affected the Assembly's telejournalism, based on the study of practices from 'Informa' TV program? How does the mediation technicality help to notice changes in the production process of television news due to a pandemic context? The research is based on the method of participant observation, placed from March to August of 2020, and on conducting researches with press professionals who follow this time frame since the pandemic's arrival until the numbers of contagious and deaths getting worse and so, an stricter implementation of social isolation measures that affected the journalistic activities' routines. This theme's approach confirmed the reactive telejournalism behaviour and technology's core place as a strategy in this cultural context.

Key words: Telejournalism. Pandemic; Legislative Television; Technicality.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
2. A TELEVISÃO COMO DISPOSITIVO TECNOLÓGICO E CULTURAL	22
2.1 Os Estudos Culturais no ordenamento das teorias da comunicação	23
2.2 Notas contextuais sobre a corrente teórica dos estudos culturais britânicos	24
2.3 A inscrição dialética dos estudos culturais latino americanos	28
2.4 Um lugar de cultura chamado TV, uma mediação chamada tecnicidade	29
3. AS TELEVISÕES LEGISLATIVAS E SUAS ESPECIFICIDADES	32
3.1 Dados históricos e características de expansão no Brasil	32
3.2 A TV Assembleia de Roraima, seu contexto e atuação	37
4. O PROGRAMA TELEJORNALÍSTICO “ASSEMBLEIA INFORMA”	42
4.1 Dinâmicas contextuais	42
4.2 Estrutura do jornal	43
5. O TELEJORNALISMO ESCULPIDO NA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: RECONFIGURAÇÕES DO ASSEMBLEIA INFORMA	50
5.1 A face política da pandemia no Brasil e a relação com a imprensa	51
5.2 As mudanças estruturais e os novos formatos	56
5.3 A problematização à luz da mediação da tecnicidade	74
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	82

1. INTRODUÇÃO

As restrições de ordem sanitárias mundiais também afetam o modo de fazer telejornalismo. Em Roraima, a TV Assembleia precisou reinventar e modificar as rotinas e atividades jornalísticas. Grande parte da programação da emissora institucional de caráter público foi suspensa. Equipes de reportagem e produção passaram a atuar em home office, escala de trabalho reduzida, com uso de máscara, álcool em gel, distanciamento social e higienização constante dos equipamentos.

Essa síntese poderia ser tomada como um texto de abertura para uma notícia de TV, uma informação sobre o interior dos processos jornalísticos contemporâneos em face da tragédia que se abate sobre a humanidade e que vem abalando o mundo desde o final do ano de 2019, a pandemia provocada pelo novo coronavírus causador da doença covid-19.

Mas essa abertura cumpre aqui os propósitos de um pensamento científico crítico com a finalidade de investigar o alcance e as alterações que a pandemia provocou sobre as diferentes formas de atuação da vida humana, de modo específico, sobre o labor profissional daqueles que participam dos processos comunicacionais, que lidam com a elaboração e o trânsito de notícias.

O produto informação sob os princípios do jornalismo, se já importante e necessário para mover os contextos da vida cotidiana de um modo geral, tornou-se cada vez mais fundamental pela perspectiva de sua transmissão e alcance em massa, diante da ameaça invisível de um vírus com alto potencial de disseminação entre as pessoas, afetando especialmente as formas de comportamento social. Hoje já parece mais nítido o tamanho dos desafios, uma vez que a regência da nossa vida recruta um nível simultâneo de consciência individual e coletiva e, para isso, as informações baseadas em fatos científicos têm se constituído como uma estratégia de enfrentamento a essa problemática global.

O objetivo da presente pesquisa, portanto, é analisar as mudanças provocadas pela pandemia da covid-19 no contexto do telejornalismo local, com base no programa Assembleia Informa da TV Assembleia Legislativa de Roraima (TV ALE-RR). Este trabalho passa a refletir, a partir de um caso específico, as implicações desse acontecimento complexo, que afetam a ambiência dos processos de elaboração da notícia. Considera-se a reinvenção involuntária diante da impositiva delimitação física dos espaços de interações sociais, a necessidade de desmontar estruturas clássicas do jornalismo e de reerguer novas estratégias para a rotina profissional.

Para um fenômeno complexo como a pandemia, um pensamento complexo tanto quanto possível. Com base nisso, as colaborações teóricas dos formuladores e pesquisadores dos estudos culturais trazem importantes contribuições para pensar a realidade e os quadros epistemológicos disponíveis, a exemplo da cultura e da mediação da tecnicidade, para uma perspectiva mais integrada entre os meios de comunicação e a sociedade, principalmente diante de fenômenos inesperados que põem em prova as relações já constituídas numa totalidade simplificante e as suas capacidades explicativas.

Nessa direção mais complexa que ajuda a situar brevemente a perspectiva de uma análise e escrita sobre o tempo presente, no trânsito um tanto quanto determinado e aleatório pela organização e reorganização permanente do pensamento, buscamos responder às seguintes indagações: De que maneira o telejornalismo local, por meio do programa Assembleia Informa, teve a sua rotina de produção de informação alterada pela pandemia do novo coronavírus e dos protocolos sanitários exigidos para enfrentamento à covid-19? Como a mediação da tecnicidade ajuda a perceber as alterações no processo de produção do telejornalismo local?

A emissora legislativa começou a atuar no estado no dia 7 de agosto de 2015, já em formato digital, com transmissão para Boa Vista e municípios adjacentes. A TV tem 12 programas locais em sua grade de programação, entre eles, o programa jornalístico Assembleia Informa, veiculado de segunda a sexta, no horário das 18h, por meio do canal 27.3 e pela Sky – canal 357.3. O programa reporta informações do Poder Legislativo e assuntos de interesse geral da população, como denúncias de má prestação de serviço público, ações sociais e notícias de interesse humano.

Diante do quadro da estrutura do programa Assembleia Informa, diferentes experiências sociais são trazidas a público por seu canal ao assumir uma forma noticiosa e a mobilizar sentidos em outras dimensões críticas desse cotidiano. Assim, como uma tecnologia cultural, a TV Assembleia Legislativa de Roraima, como forma de alcançar o público mais conectado à Rede Mundial de Computadores e promover interação e engajamento com os cidadãos, tem se associado a outras plataformas para expandir as produções locais no ciberespaço. Sendo assim, passou a compartilhar conteúdos jornalísticos da emissora nas redes sociais como Facebook, Instagram e canal no Youtube.

A atitude que vem sendo constantemente consolidada pelas grandes emissoras, tanto pode significar estratégias de sobrevivência e ampliação da TV em outras plataformas num contexto de avanço tecnológico da internet, quanto, no caso das TVs de caráter público, ser

ainda a grande oportunidade de aproximação com segmentos de públicos que buscam por informação na rede e que não necessariamente assistem a emissora no modo offline.

Com a pandemia, a territorialidade virtual do programa de TV ganha força na internet, uma vez que as reconfigurações impostas pela pandemia também passam pela predominância de ações a distância, onde esse modo de fazer assume mais uma fisionomia e se “beneficia” das possibilidades digitais.

A TV Assembleia de Roraima, como uma tecnologia cultural, passa a utilizar esse mesmo aparato para produzir informação. Nesse contexto, o deslocamento das fontes na etapa de produção da notícia ganha novo significado. Tem-se, portanto, a possibilidade desta pesquisa motivar uma reflexão contemporânea e inovadora, que é pensar as reconfigurações do telejornalismo nesse conflito estabelecido pela pandemia.

A relevância que a pesquisa suscita se desdobra em duas dimensões: a) social e acadêmica, na medida em que o estudo sobre os modos de fazer telejornalismo na pandemia reflete um conjunto de mudanças no contexto da sociedade e sobre as quais precisamos pensar academicamente, considerando que a informação jornalística é bússola nessa trajetória também marcada pelos efeitos danosos das fake news; b) pessoal, uma vez que atuei durante 4 (quatro) anos na coordenação da TV Assembleia de Roraima e respondo hoje por sua superintendência de comunicação. Esse vínculo entre a experiência profissional e acadêmica me permite revisitar os contextos cotidianos pelo exercício da reflexão, dos conjuntos de contribuições teóricas e metodológicas que são acionados para pensar essa realidade e o fortalecimento por meio da pesquisa de novos modos de ver a prática profissional e de projetar e experimentar mudanças que venham repercutir sobre a aperfeiçoamento da informação como instrumento de dignidade e cidadania coletivas.

O recorte temporal da presente pesquisa se estende entre os meses de março a agosto de 2020. As razões para a escolha desse período se baseiam no mês de março de 2020 como um símbolo da chegada da doença no Brasil e em Roraima e o tempo até o mês de agosto como marcado pelo agravamento dos números de contágios e óbitos em decorrência da covid-19, e consequentemente, a implementação de medidas mais rígidas de isolamento social que afetaram a rotina das atividades jornalísticas.

O espaço é híbrido, prioritariamente marcado por minha observação participante no processo pesquisado, nos bastidores da redação do programa na sede da Assembleia Legislativa de Roraima, junto aos diferentes agentes que participam da construção do programa telejornalístico Assembleia Informa. Mas também no acompanhamento do programa ao vivo pela TV e nas suas repercussões nas redes sociais. Mesmo no novo desenho

de estrutura provocada pelo distanciamento e rodízio de pessoas no ambiente de trabalho, o espaço da pesquisa se circunscreve entre as telas, o ambiente físico de produção da notícia e a nossa casa, lugar que sofreu por consequência uma das mais impactantes mudanças de usos e sentidos. Assim, nesses recortes podemos delimitar um campo de verificação das novas configurações do telejornalismo local.

A pesquisa fez também um caminho metodológico baseado em alguns procedimentos. O primeiro deles que destacamos é o levantamento bibliográfico de autores que ajudam a retratar e contemplar a presente problemática. A leitura solidária de outras produções auxilia a situar, em parâmetros científicos, a complexidade do tema, quando fazem uma discussão mais focada sobre a mídia televisiva, quando delimitam esse recorte para considerar o campo das tevês legislativas e suas características e quando fornecem elementos provocadores para analisar o contexto da cultura profissional do telejornalismo em cenário adverso à vida e às interações sociais, como esse que estamos atravessando na pandemia da covid-19.

Outro procedimento bem importante e já sinalizado anteriormente foi a observação participante pelo fato de eu estar inserida diretamente nesse campo. Associado a isso, a realização de entrevistas com profissionais do jornalismo que atuaram no período do levantamento, com o objetivo de perceber as subjetividades acionadas por eles para demonstrar as rotinas, os impactos, os modos e as visões sobre o telejornalismo praticados naquele contexto.

Esses procedimentos situam a pesquisa no método de um estudo de caso, em que há um levantamento e organização de dados qualitativos para buscar rever pela lente da proposta científica a realidade da pandemia no interior da elaboração dos processos comunicacionais. De acordo com Severino (2007, p. 121), a pesquisa nesse formato se constitui de “[...] estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo. A coleta dos dados e sua análise se dão da mesma forma que nas pesquisas de campo, em geral”. Com isso, a possibilidade da verificação de instrumentos e estratégias a partir da experiência junto ao programa Assembleia Informa, da TV ALE-RR, emprestar sentidos para refletir as mudanças no telejornalismo local.

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos, considerando esta introdução com o primeiro deles, com a tarefa de oferecer uma visão panorâmica do processo de construção da pesquisa. O segundo capítulo traz elementos contextuais e analíticos sobre a Televisão enquanto dispositivo tecnológico cultural e cotidiano. Para se chegar na discussão central dessa pesquisa é necessário estabelecer alguns vínculos porque os fenômenos estão

interconectados. Discorrer sobre as alterações na forma de se fazer o telejornalismo local, com base nas características e adaptações de um programa requer antes que nos perguntemos: qual é o lugar interpretativo da televisão que melhor fundamenta uma reflexão nos termos aqui acordados? Para tanto, os estudos culturais são chamados a contribuir, por meio de um diálogo articulado entre os usos sociais e tecnológicos da comunicação.

No terceiro capítulo a pesquisa apresenta uma forma de organização de alguns dados históricos e especificidades de um tipo de concessão de TV, as televisões legislativas. As diferenças assumem peso fundamental no processo crítico e criativo da produção científica, por nos lembrarem a fuga das generalizações e dos usos automáticos de ideias e práticas que devem ser aferidas por outras regras e métricas.

A ideia que orienta a elaboração presente no quarto capítulo é descrever algumas características sobre o estudo de caso, o programa telejornalístico Assembleia Informa. É uma forma de dedicar um espaço para a apresentação da sua proposta, e assegurar uma apresentação do produto para embasar a análise que se revelará no último capítulo.

Por fim, depois desses processos, o quinto capítulo denominado “O telejornalismo esculpido na pandemia do novo coronavírus: reconfigurações do Assembleia Informa” é a expressão do campo da pesquisa, da imersão e análise sobre o cotidiano, observado e participado, junto às dinâmicas dessa prática profissional durante os seis primeiros meses de experiências sob o signo da pandemia da covid-19 em Roraima.

2. A TELEVISÃO COMO DISPOSITIVO TECNOLÓGICO E CULTURAL

A ferramenta analítica desta pesquisa se situa no campo dos Estudos Culturais britânicos e latino-americanos, em torno de algumas possibilidades de interpretação sobre o objeto. A perspectiva teórica também faz parte de um conjunto de escolhas e, por essa decisão em particular, contribuíram os destaques que os estudos culturais oferecem aos processos de comunicação, à mídia e às produções dos diferentes meios refletidos em contextos culturais contemporâneos.

Essa perspectiva interacional se mostra condizente com os propósitos da presente pesquisa, uma vez que as novas configurações do telejornalismo local frente a pandemia demandam o atravessamento de outros aspectos, a exemplo da partilha de uma cultura local e global, dos aspectos políticos contextuais, e da própria uma cultura jornalística, baseada na integralidade dos processos de comunicação.

Portanto, o primeiro movimento de aproximação nos convoca a refletir sobre o campo teórico que oferece um conceito de cultura aplicável à concepção mais ampla da televisão, não só por sua dimensão técnica, mas pelas implicações da sua inserção em uma dada realidade histórica e cultural. Para tanto, é valioso assinalar em linhas gerais o campo teórico dos estudos culturais.

2.1 Os Estudos Culturais no ordenamento das teorias da comunicação

Uma questão primeira a se apresentar será na direção de buscar compreender qual o lugar dos estudos culturais no corpo de outras tantas teorias comunicacionais. Para isso, a obra de Mauro Wolf (2002) é uma alternativa precisamente porque o autor reúne os modelos teóricos principais no campo da pesquisa em comunicação. Diante das dificuldades em dar conta de uma síntese tão complexa quanto estudar as teorias como um objeto que muda de forma frente aos diversos problemas aflorados e as perspectivas heterogêneas e discordantes, Wolf (2002, p. 13-14) se compromete com o que chama de “tendências mais difundidas e consolidadas daquilo que, neste complexo domínio, se transformou ou está a transformar em ‘tradição’ de estudo”. Logo, os estudos culturais se situam nesse âmbito.

No percurso desses paradigmas comunicacionais, a perspectiva dos *cultural studies* se apresenta, segundo Wolf, como parte da tradição crítica das pesquisas em comunicação. Em contraponto aos estudos dos modelos de matrizes mais administrativas e estadunidenses,

movidos pela investigação dos efeitos da comunicação sobre o indivíduo e sobre a sociedade, também em oposição às vertentes funcionalistas da comunicação de massa, a perspectiva crítica muda a matriz teórica em vários sentidos. A origem dos estudos indica um outro mapa, dessa vez sob as contribuições de intelectuais europeus.

O grande destaque dado por Wolf (2002) a esse ordenamento epistemológico é a teoria crítica, na perspectiva de refletir sobre o indivíduo na era da indústria cultural e a qualidade do consumo dos produtos culturais. Ou seja, a teoria crítica como pensamento e produção intelectual predominantes dos fundadores e dos discípulos da Escola de Frankfurt e em seu desdobramento mais conhecido no âmbito da comunicação também chamada de Indústria Cultural. Em referência a Theodor Adorno, um dos principais representantes da Teoria Crítica, Wolf (2002, p 82-89) destaca uma série de passagens teóricas que fortalece o entendimento da cultura como mercadoria, como um modo de marcar a crítica à sociedade capitalista, à alienação dos indivíduos, à transformação dos bens culturais em produtos vendidos pelos meios massivos de comunicação. Portanto, a cultura como bem que eleva a consciência social é desvalorizada nesse processo de industrialização feito pela mídia, em especial a televisão.

Mesmo sendo situados na perspectiva global crítica, o que de fato se confirma pelo debate entorno da dominação, das relações de poder e das desigualdades sociais provocadas pelo sistema capitalista, os estudos culturais se distanciam e confrontam a teoria crítica especialmente sobre a noção de cultura e, nisso, sobre as formas de análise dos meios de comunicação. Para Wolf (2002, p. 108), interessa aos estudos culturais os processos e as práticas culturais e nesse terreno teórico estão implicados os significados, os valores, os modos de vida, ou seja, as “estruturas colectivas”. É conceitualmente pertinente destacar que “os *mass media* desempenham uma função importante, na medida que agem como elementos activos dessas mesmas estruturas.”

Os *cultural studies* atribuem à cultura um papel que não é meramente reflexivo ou residual no que respeita às determinações da esfera económica: uma sociologia de massa adequada, deve, pois, ter como objectivo expor a dialéctica que se instaura entre o sistema social, a continuidade, e as transformações do sistema cultural, o controlo social. As estruturas e os processos pelos quais as intuições de comunicação de massa mantêm e reproduzem a estabilidade social e cultural devem ser estudados; isso não acontece de uma forma estática, mas adaptando-se continuamente às pressões, às contradições que emergem da sociedade, englobando-as e integrando-as no próprio sistema cultural, (WOLF, 2002, p. 108)

Com essas breves coordenadas que localizam a abordagem dos estudos culturais no campo dos principais conhecimentos acumulados na área da comunicação, passamos a

apresentar algumas informações que ajudam a entender o contexto de organização e de surgimentos dos estudos culturais para depois, em seu interior, buscarmos a relação dos seus princípios com a comunicação de massa e, de modo particular, com a televisão.

2.2 Notas contextuais sobre a corrente teórica dos estudos culturais britânicos

Para a elaboração desse tópico seguiremos, prioritariamente, as orientações de estudos já realizados pela pesquisadora brasileira Ana Carolina Escosteguy (2010), em sua obra *Cartografia dos estudos culturais: uma versão latino-americana*, e Stuart Hall, representante dos estudos culturais, através de sua obra *A diáspora*. Por meio de ambos o mesmo o objetivo que é o de evidenciar os contornos históricos e as bases do pensamento dessa perspectiva teórica.

O cenário em que emergem os Estudos Culturais britânicos se volta para o trânsito das décadas de 1950 a 1960, na Inglaterra. Todavia, Escosteguy (2010, p. 27) precisa, como ponto comum encontrado em seus estudos sobre as origens dessa abordagem, que as primeiras manifestações dos estudos culturais se deram no final dos anos 50, “especialmente em torno do trabalho de Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Palmer Thompson”.

Dizer sobre essas primeiras produções, não significa, segundo a autora (Escosteguy, 2010, p. 30) que a emergência dos estudos culturais se dá de forma exclusivamente na Inglaterra. “[...] a existência de diferenças nacionais e a confluência de um conjunto particular de propostas de cunho teórico-político geraram outros exemplos de estudos culturais que desestabilizam a narrativa sobre uma origem centrada, sobretudo, em Birmingham, na Inglaterra”. Essa ponderação é especialmente importante no momento de refletir as contribuições latino-americanas não como um apêndice à proposta inglesa, mas como algo novo. Ou como bem afirma Stuart Hall, “No trabalho intelectual sério e crítico não existem ‘inícios absolutos’ e poucas são as continuidades inquebrantadas” (HALL, 2003, p. 131).

O mundo havia saído da dura experiência da Segunda Guerra Mundial e vivia as fraturas na configuração dos valores humanos. Também, segundo Escosteguy (2010, p. 27) se inseria nesse contexto “[...] a alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra” e a presença das indústrias culturais na vida cotidiana. Essas informações que ajudam a historicizar o processo e que deságuam na criação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (Centre for Contemporary Cultural Studies- CCCS) em

1964, na Universidade de Birmingham, organiza uma ponta do projeto acadêmico e político que demandou tempo de maturação e esforços de um conjunto heterogêneo de estudiosos. Em outras palavras, estamos problematizando o nascimento de uma perspectiva teórica e desnaturalizando as vias de sua constituição para compreender como a comunicação e a cultura se inserem nesse corpo teórico-metodológico.

Na pesquisa realizada por Hoggart, o foco de atenção recai sobre materiais culturais, antes desprezados, da cultura popular e dos meios de comunicação de massa, através de metodologia qualitativa. Este trabalho inaugura o olhar de que no âmbito popular não existe apenas submissão mas, também, resistência, o que, bem mais tarde, será recuperado pelos estudos de audiência dos meios massivos (ESCOSTEGUY, 2010, p. 28).

Como já indicado, Hoggart, Raymond Williams e E. P. Thompson foram os precursores dos Estudos Culturais após a publicação de artigos que referendavam uma multiplicidade de objetos de investigação ao analisar as práticas culturais contemporâneas de uma forma mais abrangente, sem fazer distinção do que era considerado alta cultura e cultura popular. O trio enxergava a cultura como manifestação heterogênea e diferenciada. Ou seja, a cultura não era vista apenas como sabedoria recebida ou experiência passiva, mas como intervenção ativa.

Os estudos culturais compõem, hoje, uma tendência importante da crítica cultural que questiona o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais, estabelecidas a partir de oposições como cultura “alta” ou “superior” e “baixa” ou “inferior”. Adotada essa premissa, a investigação da “cultura popular” que assume uma postura crítica em relação àquela definição hierárquica de cultura, na contemporaneidade, suscita o remapeamento global do campo cultural, das práticas da vida cotidiana aos produtos culturais, incluindo, é claro, os processos sociais de toda produção cultural (ESCOSTEGUY, 2010, p. 19)

Essa abordagem renovada da cultura é considerada uma mudança paradigmática, na medida em que os Estudos Culturais rompem com visões então fortemente vigentes que hierarquizavam os valores culturais em termos formais e elitistas, diferenciando-se sobretudo das bases teóricas da pesquisa administrativa da comunicação, *communication research*, bem como da indústria cultural, como visto por meio de Wolf (2010).

Uma maneira de compreender os arranjos que resultam na composição de uma escola de pensadores é analisar os conteúdos de suas publicações e em qual terreno essas sementes de ideias preparam as novas perspectivas teórico-metodológicas, considerando ainda as

questões e os desafios socioculturais do seu tempo. Assim é que se faz bastante pertinente referenciar as obras dos fundadores dos estudos culturais.

Três obras são consideradas fundantes e seminais: *The Uses of Literacy* (1957) de Richard Hoggart, *Culture and Society* (1958) de Raymond Williams e *The Making of the English Working-class* (1963) de E. P. Thompson. De acordo com a pesquisadora Escosteguy (2010, p. 27-28), o livro de R. Hoggart “é em parte autobiográfico e em parte história cultural do meio do século XX”; A segunda obra, de Raymond Williams, que é mais central aos interesses da presente pesquisa por trazer explicitamente um conceito que irá acolher a comunicação de massa como um campo privilegiado de análise, “constrói um histórico do conceito de cultura, culminando com a idéia de que a ‘cultura comum ou ordinária’ pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência com o mundo das Artes, Literatura e Música”; A terceira obra, de E. P. Thompson, “reconstrói uma parte da história da sociedade inglesa de um ponto de vista particular – a história ‘dos de baixo’”. Em comum na base histórica das publicações dessa emergência estão, ainda como observa Escosteguy (2010, p. 31), “as relações entre cultura, história e sociedade”.

Mas a marca principal dos estudos culturais é a abertura a uma diversidade de temáticas e de perspectivas “não disciplinares”. Segundo Stuart Hall (2003, p. 201), a diversidade de trajetórias, os percursos distintos e construídos sob diversas formas, elucidam a face humana desses processos, onde a motivação para a conexão com diferentes perspectivas e a abertura ao desconhecido não deve desconsiderar as complexidades da empreitada: “O trabalho teórico do Centre for Contemporary Cultural Studies era mais apropriadamente chamado de ‘ruído teórico’ sendo acompanhado por uma quantidade razoável de sentimentos negativos, discussões, ansiedades instáveis, e silêncios irados”.

Essas produções vão fazer reflexões científicas também, mais à frente, aos meios massivos. A partir da segunda metade dos anos de 1970, “percebe-se a importância crescente dos meios de comunicação de massa, vistos não somente como entretenimento, mas como aparelhos ideológicos do Estado” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 36).

Um importante registro que estabelece vínculos mais próximos entre cultura e comunicação é construído por Stuart Hall. Ao visitar o paradigma dos estudos culturais, o autor se aproxima das discussões midiáticas chamando a atenção sobre a categoria de cultura popular. Nesse campo não lhe serve nem a perspectiva de que a cultura popular expressa, via indústria cultural, o cenário dos tolos alienados e encapsulados pela lógica do poder, nem tampouco receberia o significado de um sentido “íntegro”, “autêntico” e “autônomo” se aplicado o conceito às formas de elaboração das classes trabalhadoras.

As indústrias culturais têm de fato o poder de retrabalhar e remodelar constantemente aquilo que representam; e, pela repetição e seleção, impor e implantar tais repetições de nós mesmos de forma a ajustá-las mais facilmente às descrições da cultura dominante ou preferencial. É isso que a concentração do poder cultural – os meios de fazer cultura nas mãos de poucos, realmente, significa. Essas definições não têm o poder de encampar nossas mentes, elas não atuam sobre nós como se fôssemos uma tela em branco. Contudo, elas invadem e retrabalham as contradições internas dos sentimentos e percepções das classes dominantes (HALL, 2003, p. 254-255).

Em torno dessa luta cultural e suas contradições, ora como resistência, incorporação ou negociação, os estudos culturais passam a ser vistos pela presença no continente latino-americano e pela produção de outros intelectuais que seguem fazendo esse caminho de aproximação com o tema da pesquisa.

2.3 A inscrição dialética dos estudos culturais latino-americanos

A escrita desse tópico procura fazer um movimento semelhante ao anterior, no sentido de marcar o processo de internacionalização dos estudos culturais, particularmente acessando informações sobre as formas assumidas dessa corrente em contexto latino-americano. Para tanto, seguiremos as orientações de estudos realizados pela pesquisadora brasileira Ana Carolina Escosteguy (2010), com a contribuição especial do principal representante dessa abordagem Jesús Martín-Barbero, por meio de sua obra *Dos meios às mediações*. A sua própria obra em fins da década de 1980 é tomada como um marco de expressão desse pensamento na América Latina.

Nesse novo espaço, os estudos culturais preservam algum nível de correspondência com a trajetória britânica, mas vê-se transformado em vários aspectos dadas às particularidades do contexto socioeconômico e cultural. Como destaca Escosteguy (2010, 18), basta que se considere que “a América Latina abarca heterogeneidades culturais, pluralidades étnicas, diversidades econômicas, experiências diferentes e desigualdades estruturais”.

O ponto de convergência gira em torno do próprio conceito de cultura. Em contexto latino-americano também há uma centralidade da noção de cultura profundamente vinculada ao pensamento social, aos debates do tempo presente, legitimando a cultura como manifestação das práticas sociais, inserida na vida cotidiana e ordinária (Escosteguy, 2010, p. 19). Essa forma de conhecimento que não isola, pelo contrário, integra a análise cultural a um conjunto múltiplo de aspectos da vida é que vai favorecer, por exemplo, as percepções e

pesquisas sobre a televisão, como gênero cultural indissociável ao político e ao econômico, no campo dinâmico das transformações sociais.

Além de se darem em períodos diferentes, com cerca de duas décadas de separação entre a experiência inicial da proposta inglesa, os estudos culturais latino-americanos não têm fortemente institucionalizada a versão aqui construída, tomando em comparação a criação de um centro de estudos específicos da forma como se deu em Birmingham. Essa característica marca de forma peculiar uma espécie de outra territorialidade ao processo que tem em Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini a representatividade na vanguarda dos estudos na América Latina. (Escosteguy, 2010). E como mesmo destaca Martín-Barbero (1997, p. 213), trata-se de “diferença que não se restringe ao atraso.”

Ainda na mesma toada das diferenças, há no surgimento da versão latino-americana um movimento que pressiona a mudança de paradigmas e que no contexto de nova fase do desenvolvimento do capitalismo (onde a comunicação passa a ter um papel central) faz o percurso de fora para dentro da academia. “Foram os fatos recorrentes, os processos sociais da América Latina, os que estão transformando o ‘objeto’ de estudo dos investigadores da comunicação (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 282).

Ainda que a vertente se materialize nas produções dos pesquisadores em ambiente acadêmico, essa dinâmica promovida pelas particularidades conjunturais do solo latino-americano, em muito protagonizada pela articulação dos movimentos e experiências sociais desempenha, portanto, um papel fundamental para a consolidação de novos contornos teórico-metodológicos e o pensamento comunicacional da América Latina. Por outro lado, esse processo reitera e evidencia os laços culturais e políticos da proposta dos estudos culturais.

Isso significa que a investigação da cultura mediática, incluindo tanto os meios, os produtos e as práticas culturais – ou seja, refere-se tanto à natureza e à forma dos produtos simbólicos quanto ao circuito de produção, distribuição e consumo – está inserida numa concepção mais abrangente de sociedade vista como o terreno contraditório de dominação e resistência onde a cultura tanto se engaja na reprodução das relações sociais quanto na abertura de possíveis espaços para a mudança (ESCOSTEGUY, 2010, p. 22)

Nota-se pelos arranjos de ideias construídos que tanto na Inglaterra quanto aqui, na América Latina, as pesquisas que se erguem sob a inspiração dos estudos culturais demandam em suas análises uma perspectiva mais complexa e multidisciplinar, e que no âmbito da comunicação é imprescindível articular o ‘objeto’ com as práticas sociais. O que nas palavras de Escosteguy (2010, p. 49) quer dizer que a análise dos meios de comunicação é um assunto

da comunicação, “mas em relação à cultura e aos processos políticos, isto é, como parte da problemática do poder e hegemonia”.

2.4 Um lugar de cultura chamado TV, uma mediação chamada tecnicidade

O primeiro aspecto a mencionar é o campo movediço da perspectiva teórica que se ensaia. Se de um lado alertamos sobre os riscos de reduzir a discussão da televisão a um assunto meramente tecnológico, por outro não negligenciamos o lugar especial da técnica no contexto da vida social e as importantes alterações advindas dela. Optamos em seguir assim, em bases complexas, de baixas seguranças, mas com a atenção sobre as possibilidades de unir esses pontos em torno da mesma perspectiva teórica e metodológica, os estudos culturais.

A televisão é uma prática cultural. As citações dos pensadores que elencamos anteriormente ratificam essa ideia, a partir da virada epistemológica em resposta às formas de compreender a cultura, não mais limitada pela perspectiva frankfurtiana ou pelas visões mecanicistas do modelo comunicacional, mas pelo novo desenho teórico realizado pelos representantes dos estudos culturais.

Afirmar que os processos comunicacionais são expressões culturais não significa dizer que há em escopo teórico-metodológico uma licença para inibir o exercício crítico. O funcionamento de uma mídia, como a televisão, não tem respostas às suas questões em torno de si mesma. E nos aspectos sociais, econômicos e históricos que a constitui, as intrincadas relações de poder estão estruturalmente presentes, dando o tom dos interesses, do jogo de forças, das contradições e das formas insistentes em se propor algo diferente disso.

Um dos fundadores dos Estudos Culturais Britânicos, Raymond Williams, e sua teoria da cultura intrinsecamente vinculada às experiências práticas, emprestará sentidos para a análise deste trabalho. Como destaca Azevedo (2017, p. 208), Williams, autor do clássico *Culture and society*, “concebe a cultura como campo de luta em torno da significação social e, diferentemente da crítica literária tradicional, não se concentra na análise estética a não ser para examinar sua conexão com relações sociais e de poder”.

Esse deslocamento não é só percebido como um exercício intelectual, mas uma forma política de se situar no mundo a partir das experiências que o afetaram, de modo especial pelo contato com a classe trabalhadora inglesa que resultaram numa “abordagem original dos problemas culturais” (AZEVEDO, 2017, p. 208).

As múltiplas perspectivas empregadas por Williams para analisar os fenômenos sociais alcançaram profundamente os meios de comunicação, e de modo particular a televisão.

A televisão oferece uma forma tecnológica e institucionalmente específica de enquadramento e expressão cultural, uma forma que só pode ser entendida, digamos assim, *in situ* (no próprio local), e também como uma expressão de forças sociais, políticas e econômicas mais amplas (WILLIAMS, 2016, p. 15).

Assim, a abordagem de Williams sobre a televisão, guardadas as transformações tecnológicas na dinâmica do tempo, mantém-se perene, principalmente por orientar a análise da prática comunicativa e cultural por meio da indispensável articulação histórica com o tecido social.

Essa forma de articular a comunicação e a cultura em solo latino-americano deu acento especial aos estudos da recepção. Propostos por Martín-Barbero (1997), essa vertente teórica destaca no processo de comunicação o papel ativo do receptor pela produção incessante de sentidos culturais mediados em suas práticas cotidianas, no mundo concreto e vivido.

Vem da pesquisadora Maria Immacolata Vassallo Lopes (2014) o reforço e a ponderação para não compreendermos a teoria da recepção de Martín-Barbero como um modelo aplicado ao componente da audiência. Essa distorção que fragmenta a análise sobre blocos do processo não condiz com a perspectiva de investigação.

Os estudos latino-americanos de recepção começaram a surgir na década de 1980, no bojo de um forte movimento teórico crítico que procurava fazer uma reflexão alternativa sobre a comunicação e a cultura de massas através da perspectiva gramsciana, propondo-se como contraponto às análises funcionalistas, semióticas e frankfurtianas predominantes até então (LOPES, 2014, p. 66).

Assim, estudar um processo de comunicação é enveredar por mediações, expressão designada por Martín-Barbero que oferece maior complexidade à análise, uma vez que a produção, a recepção e o contexto da mídia estão enredados. Para o autor,

As mediações são esse “lugar” de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que [a mídia] produz não responde unicamente a requerimentos do sistema industrial e a estratégias comerciais, mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver (MARTÍN-BARBERO, 1992, p. 20).

Para dar forma a esse espaço de articulação entre práticas de comunicação e as diferentes dinâmicas na sociedade (SANTI, 2016, p.21), as mediações culturais da comunicação são apresentadas por Martín-Barbero nas seguintes dimensões: socialidade, ritualidade, institucionalidade e tecnicidade.

Para Martín-Barbero (2004), a socialidade é a mediação que se constrói entre o espaço ocupado pelo receptor e sua interação com o coletivo (2004, p.231). A ritualidade é o modo de usar e de interpretar os meios, e nesse processo, são acionadas às condições sociais do gosto, a memória étnica, de classe ou de gênero, os hábitos familiares (2004, p.233). A institucionalidade é a mediação que diz respeito aos interesses e poderes “especialmente a regulação dos discursos que, de parte dos cidadãos – maiorias e minorias –, procuram defender seus direitos e se fazer reconhecer, isto é, reconstruir permanentemente o social” (2004, p.234). Já a tecnicidade, como adverte o autor, é um processo que nos remete “mais que aos aparelhos, nos remete ao desenho de novas práticas, e mais que destreza, a tecnicidade é competência na linguagem” (2004, p. 235).

Mesmo sendo esta uma das grandes contribuições do pensador naturalizado colombiano, os estudos da recepção não se aplicam em sua integralidade à presente proposta, especialmente no quesito de investigação sobre a produção de sentidos dos telespectadores (receptores), muito em decorrência da necessidade de promover ajustes também no campo acadêmico da pesquisa, em função do contexto pandêmico. A trajetória que se mostrou possível foi adotar o estudo da televisão em interface com o conceito de cultura de base inglesa e o conceito de mediação de base latino-americana. Em lembrança da metáfora barbarena, o nosso “mapa noturno” na pandemia nos obriga a realizar percursos cada vez mais limitados, entrecortados pela própria angústia existencial. Frente a isso, a mediação que nos pareceu ter maior correspondência com o contexto de análise das atividades telejornalísticas é a tecnicidade e sobre ela procuraremos discorrer no último capítulo.

3. AS TELEVISÕES LEGISLATIVAS E SUAS ESPECIFICIDADES

O tema das televisões legislativas no Brasil, enquanto campo de pesquisa tem avançado nos últimos anos com a expansão dos canais no país. Hoje é possível reunir um conjunto importante de informações que atualizam aspectos históricos, contextuais e políticos sobre o tema.

3.1 Dados históricos e características de expansão no Brasil

De acordo com a Rede Legislativa de Rádio e TV¹ da Câmara dos Deputados, em janeiro de 2021, o país alcançou a marca de 68 emissoras de TV, em 60 canais, e 15 rádios FM no ar. Os canais da Rede Legislativa de TV, até então, estavam em 25 capitais, faltando apenas Campo Grande e Teresina.

Ainda segundo a Câmara, pelo interior do Brasil, a Rede Legislativa conta com 35 transmissores ligados. São pelo menos 250 municípios cobertos pelo sinal das emissoras legislativas de televisão, com mais de 80 milhões de brasileiros em 25 estados atendidos pelas TVs Câmara, Senado, Assembleia e Câmara Municipal. Até o começo de 2021, canais de 111 cidades estavam em processo de implantação, enquanto 365 aguardavam liberação de canais pelo Ministério das Comunicações.

Esse conglomerado de emissoras legislativas no Brasil tem ampliado o debate político e visibilidade as ações dos parlamentos Federal, Estadual e Municipal. No livro “Para que serve a TV Legislativa no Brasil e no mundo”, lançado em 2011 pelo jornalista Carlos Barros Monteiro, esse conjunto forma novas modalidades de televisão pública com programações cada vez mais locais e regionais. A obra é a primeira que discute o processo de criação dos principais canais do segmento e a importância para a democratização da comunicação.

Todo esse espectro surgiu em 1977. Monteiro (2011) relata que o Canadá criou o primeiro canal de televisão público destinado a cobertura do parlamento no mundo. Naquele ano, o sistema foi inaugurado “com um discurso especial da rainha Elisabeth II”. O processo de consolidação do canal do Parlamento canadense levou 15 anos. Em 1992, um “consórcio de televisão por cabo criaram o CPAC – *Cable Pulic Affairs Channel* (canal a cabo de assuntos públicos)”, que até hoje atua com o mesmo propósito.

O canal legislativo dos Estados Unidos se assemelha ao modelo criado no Canadá. O C-Span (Cable Satellite Public Affairs Network) surgiu de um grupo de empresários de TV a cabo e foi pioneiro ao iniciar em 1979 a primeira “transmissão ao vivo e regular das sessões

¹ Rede Legislativa de TV é a primeira rede de televisão a se formar no Brasil com o recurso digital da multiprogramação, que possibilita o uso de um mesmo transmissor para quatro emissoras independentes. A multiprogramação permite que o canal de 6MHz consignado ao Poder Legislativo federal transmita ao mesmo tempo, 24 horas por dia, as programações da TV Câmara federal, da TV Senado, da TV Assembleia estadual e da TV Câmara municipal. (<https://www2.camara.leg.br/comunicacao/rede-legislativa-radio-tv/tv>)

² Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/comunicacao/rede-legislativa-radio-tv/noticias/emissoras-de-tv-no-ar> > Acesso em: 20 de jul. de 2019.

legislativas do Congresso americano”. O modelo de canal dos dois países é bem segmentado no campo político. Ambos fazem a cobertura das sessões plenárias, comissões, debates e pronunciamentos tanto da Câmara quanto do Senado. As emissoras também reservam espaço para veiculação de assuntos comunitários e ações de cidadania. Mas o grande diferencial desses canais em comparação as TVs legislativas no Brasil é que, embora prestem serviço público, não dependem de recursos financeiros do Congresso para manter a operacionalização. São gerenciados por representantes de TV a cabo e mantidos exclusivamente com recursos privados, oriundos das taxas dos serviços de TV por assinatura.

Na América Latina, Brasil, Argentina e México, respectivamente, foram os percursos na criação de emissoras ligadas ao Parlamento com transmissão na modalidade de TV aberta, cabo e internet, com exceção do último que não operava em sinal aberto.

No Brasil, os meios de comunicação ligados ao Poder Legislativo surgiram por meio da Lei 8.977, de 6 de janeiro de 1995, que dispõe sobre o serviço de TV a cabo. O artigo 23 destaca que as operadoras de TV a cabo, durante a prestação de serviço, devem reservar canais básicos de utilização gratuita. Entre eles, o canal do legislativo, com o objetivo de divulgar as ações parlamentares, especialmente a transmissão ao vivo das sessões.

A abertura de canais gratuitos à Câmara dos Deputados, Senado Federal e legislativos estadual e municipal, bem como canal universitário, educativo-cultural, comunitário e ao Supremo Tribunal Federal, nasceu como uma alternativa à TV comercial, fruto da luta de movimentos sociais que reivindicaram a democratização da comunicação antes mesmo da promulgação da Constituição de 1988, e não decorrente da “boa vontade” dos governantes, conforme Jardim (2008) discorre em sua tese de doutorado.

Na realidade, este cenário foi resultado da ação de um movimento social, com início no período que antecedeu a Assembleia Nacional Constituinte de 1988, que reunia também associações de classe, como a Federação Nacional dos Jornalistas, preocupada com a questão da democratização dos meios de comunicação e que acabou, posteriormente, se organizando no “Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação”. A criação do Conselho Social da Comunicação, apesar de restrito porque com caráter apenas consultivo e não deliberativo, também pode ser creditada à luta política do Fórum (JARDIM, 2008, p. 92-93).

Mesmo com a abertura de canais básicos de utilização gratuita, o acesso aos canais de TVs legislativas, à época de sua criação, era restrito a apenas uma parcela da população que detinha antenas parabólicas ou pagava pelo serviço de tevê por assinatura. E, mesmo após a transição da transmissão analógica para a digital, que teve início em 2006 por meio do

Decreto 5.820², e se encerrou em dezembro de 2018, o sinal aberto e gratuito desses canais não chega a todos os domicílios.

Melo (2014), em sua dissertação de mestrado intitulada “Estado e Comunicação – uma análise das TVs Legislativas estaduais no Brasil”, faz um apanhado histórico da comunicação do Poder Legislativo com a sociedade, mesmo antes da Lei do Cabo, por meio do programa de rádio A Voz do Brasil.

A primeira iniciativa de comunicação direta entre o Congresso Nacional e a sociedade brasileira por meio da televisão acontece durante o processo da Assembleia Constituinte (1987/1988), em que se discutiam propostas para a nova Constituição Federal da República. Naquele período, foi produzido o “Diário da Constituinte”, um telejornal diário de dez minutos de duração transmitido em emissoras abertas de televisão (MELO, 2014, p. 54).

Na pesquisa, também destaca que, embora os debates em torno da necessidade de se criar TVs ligadas ao parlamento tenha ocupado grande espaço na esfera federal, a Tv legislativa pioneira no Brasil é estadual. A TV Assembleia de Minas Gerais iniciou a primeira transmissão em 30 de novembro de 1995, mesmo ano de criação da Lei do Cabo. Conforme o site institucional da Assembleia mineira, quando a emissora entrou em operação tinha apenas duas horas e meia de programação.

A partir de 1998, o alcance da TV é ampliado para todos os municípios do Estado. Atualmente, além de sinal aberto digital, a TV Assembleia da ALMG tem 24 horas de programação diária na internet e em tempo real³. Já a TV Senado entrou em operação em 1996, via satélite, para todo o país, e a TV Câmara foi criada em 20 de janeiro de 1998⁴. As duas emissoras, no início da atuação no país, foram acusadas de serem “TV chapa-branca”. Obviamente que por serem canais legislativos, a linha editorial é regida pela Mesa Diretora do Parlamento, no entanto, a grandeza da função ultrapassa a referida concepção, ao transmitir ao vivo, sem cortes, as sessões plenárias dando transparência aos atos dos legisladores.

No período de instalação tanto da TV Senado quanto da TV Câmara, jornais impressos, revistas e emissoras de televisão veicularam matérias e editoriais ressaltando que aquelas TVs serviriam apenas como instrumento de manipulação dos eleitores ou como

² Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5820.htm > Acesso em: 23 de nov. de 2019.

³ Disponível < https://www.almg.gov.br/acompanhe/tv_assembleia/historia/index.html > Acesso em: 23 de nov. e 2019.

⁴ Disponível em < <https://www.camara.leg.br/tv/562841-tv-camara-o-brasil-passa-aqui/> > Acesso em: 23 de nov. de 2019.

palanque eleitoral para os parlamentares (MELO, 2014, p. 65). Jornais como Folha de São Paulo, Correio Braziliense e revista IstoÉ revelaram o receio de alguns grupos e redes de comunicação comercial à criação de canais de TVs do Poder Legislativo em artigos publicados.

Tanto as emissoras de rádio e TV de caráter público quanto comerciais precisam de autorização governamental para atuar. Pela legislação brasileira, compete à União dispor sobre os serviços de radiodifusão que envolvem a transmissão de som (radiodifusão sonora) e de som e imagem (televisão), uma vez que estes serviços são considerados de interesse nacional. As televisões legislativas são enquadradas como canais institucionais e em torno desses canais a comunicação é comumente refletida como pública.

Ao citar Jorge Duarte (2011), Rothberg (2014) lembra que um dos significados correntes de comunicação pública vai na direção das

ações comunicativas realizadas por governos a fim de transmitir informações úteis aos diversos segmentos sociais para facilitar o acesso a serviços públicos, proporcionar conhecimento sobre a atuação governamental na execução de políticas públicas, prestar contas e reconhecer o pertencimento à cidadania (DUARTE, 2011 apud ROTHBERG, 2014).

Mas, como destaca o próprio Duarte (2009), a expressão “comunicação pública” é difícil de receber um conceito consensual. Em torno dela, são acionados tanto os sentidos de interesse coletivo, cidadania, transparência, visibilidade, quanto se pode “assumir um viés claramente político de culto à personalidade ou promoção institucional” (DUARTE, 2009, p. 60). Para o especialista, há outros aspectos que ajudam a desviar o conceito de comunicação pública do atendimento de interesses das organizações e seus gestores.

O uso da expressão está associado ao esforço de melhorar a vida das pessoas pela comunicação. Para conseguir isto, os instrumentos de comunicação são utilizados a partir do ponto de vista do cidadão em sua plenitude e não apenas em suas faces de consumidor, eleitor, usuário. Praticar comunicação pública implica assumir espírito público e privilegiar o interesse coletivo em detrimento de perspectivas pessoais e corporativas (DUARTE, 2009, p. 61).

As controvérsias são importantes para ajudar a reduzir os formalismos e abstrações dos conceitos, submetendo-o ao crivo da experiência situada, empírica. A dissertação de mestrado intitulada “Estado e comunicação: uma análise das TVs Legislativas estaduais no Brasil”, de autoria de Paulo Victor Purificação Melo, defendida na Universidade Federal de Sergipe – UFSE, 2014, foi pioneira ao analisar o tipo de tecnologia utilizada pelas TVs legislativas no Brasil, os modelos de gestão e o perfil de programação das emissoras. O

desenvolvimento desta pesquisa teve como resultado que as TVs legislativas são importante instrumento de aproximação e diálogo dos parlamentares com a sociedade. Descreve Melo (2014):

Além de representarem um avanço na perspectiva da democratização dos meios de comunicação, especialmente por possibilitar conteúdos distintos dos veiculados na mídia comercial. Além disso, especialmente no que diz respeito às instâncias de gestão, as TVs Legislativas estaduais ainda se configuram como espaços de propriedade das Mesas Diretores das Assembleias Legislativas, em que a garantia da participação social, elemento determinante para o cumprimento do seu papel de accountability e a sua condição de veículo do campo público de comunicação, ainda se revela como um desafio necessário. (MELO, 2014, p.6)

Seguindo com essa busca teórica, encontramos a tese de doutorado intitulada “Comunicação Pública: função e legitimação das tevês legislativas federais”, defendida por Mariana Martins de Carvalho, na Universidade de Brasília/UnB, em 2014. A tese abordou especificamente as emissoras do Poder Legislativo Federal, no caso, a TV Câmara e a TV Senado, e as análises foram baseadas em relatos de atores envolvidos diretamente nas emissoras, tais como gestores e jornalistas participantes da produção de conteúdo das tevês mencionadas. Carvalho (2014) chegou à conclusão de que

a diversidade de interesses e poderes políticos presentes no Poder Legislativo abriria também espaços para uma maior autonomia relativa dos veículos de comunicação deste Poder, favorecendo mecanismos de controle interno e externo e possibilitando espaços mais propícios à realização dos princípios da Comunicação Pública. (Carvalho, 2014, p. 11).

A pesquisa revela ainda que a legitimação das TVs Câmara e Senado ocorre por meio do *accountability* (prestação de contas) ao ponto que prestam um serviço público de acesso à informação. As TVs legislativas estaduais também seguem essa modalidade e se transformam em “tribunas eletrônicas, destaca Monteiro (2011).

Em 2003, Mello (2014) apurou que Roraima era um dos quatro estados que ainda não possuíam uma emissora de televisão, mas que já repostava toda a produção jornalística na internet.

Ainda assim, na Região Norte, a Assembleia de Roraima é das que mais têm experiência com comunicação, já que, desde o ano de 2003, a Secretaria de Comunicação da ALE-RR, produz uma série de programas, que são exibidos semanalmente em quatro emissoras de TV comercial do estado, a TV Boa Vista, TV Tropical, TV Ativa e TV Cidade, além de disponibilizados na internet. (MELO, 2014, p. 85).

Atualmente, a TV Assembleia há cinco anos no ar, tem à disposição 24 horas de programação que são preenchidas com produções próprias, conteúdo da TV Senado e outras TVs legislativas parceiras, além de veicular material acadêmico e institucionais de outros Poderes.

3.2 A TV Assembleia de Roraima, seu contexto e atuação

Segundo Williams (2016), para compreender a televisão como mosaico da vida social é indispensável que se faça a contextualização histórica como maneira de perceber as suas especificidades. Há nesse cenário, elementos históricos calcados sobre uma política roraimense de cariz conservador que podem restringir, mas não controlar a atuação da TV ALE-RR e seus programas.

Mesmo se diferenciando da natureza comercial e privada de outras emissoras, os cruzamentos culturais que TV ALE-RR realiza em contexto local, por meio do Assembleia Informa, também são moldados por lógicas mais amplas, uma vez que este meio de comunicação mantém vínculo e atenção aos padrões da sociedade capitalista, inserida no jogo de tensões permanentes, interesses e disputas por narrativas e significados, num cenário de radicais desigualdades. Um exame crítico e analítico vai demonstrar que a TV ALE-RR, em suas práticas e em seus processos de desenvolvimento, ocupa um lugar na formação social existente e sua dinâmica na produção de sentidos compõe uma teia de relações socioculturais muito complexas.

Roraima é um dos estados mais novos do Brasil. Deixou a condição de território apenas com a promulgação da Constituição em 1988, sendo que a Constituição de Roraima só foi promulgada em 1991. Como parte da Região Amazônica, o Estado se situa no extremo norte do Brasil e faz fronteira com a Guiana e a Venezuela. De área territorial, são pouco mais que 224 mil km², divididos em 15 municípios. Boa Vista, a capital, concentra 66% da população estadual. Segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para 2020, Roraima tem 631 mil habitantes, todavia, mesmo sendo o menos populoso do país, o Estado registra, conforme a mesma estimativa do IBGE, o maior crescimento populacional do país (4,19%), índice atribuído ao grande fluxo migratório de venezuelanos que vem se intensificando desde 2017.

Roraima é dotado de rica interculturalidade. Além das presenças étnicas que fazem o Estado ser proporcionalmente o mais indígena do Brasil, boa parte da população é oriunda de um intenso processo de migração interna. Por fim, na brevidade dessas notas, lembramos

que Roraima é ainda um espaço de grande presença dos meios de comunicação, por meio de emissoras de rádio, portais de notícias e nove emissoras de televisão, sendo sete comerciais e duas de natureza pública.

O curso desses dados leva-nos a emoldurar criticamente alguns fatores reais que vão dar particularidades a esse cenário onde tem assento a TV ALE-RR. Roraima, além de ser um Estado de muitas belezas naturais, de uma intensa troca cultural, de áreas de preservação e terras indígenas, é também pequeno e periférico se pensado pela lógica da centralidade de outros estados brasileiros; ainda é economicamente dependente de recursos públicos e, apesar de algumas políticas públicas em vigência, possui desigualdades sociais e simbólicas marcadas nos rincões e nas bordas onde estão os mais desassistidos; de uma democracia em estágio lento, de corrupções institucionalizadas, Roraima é composto por relações de forças políticas conservadoras.

Outros aspectos que tensionam essa realidade são os preocupantes índices em assuntos ambientais, a postura historicamente anti-indígena de boa parte da população e de representantes dos segmentos políticos e econômicos, bem como o elevado número de violência contra as mulheres e, mais recentemente, o crescente discurso xenofóbico. É nesse concreto de ambiguidades e contradições do tecido social que nasce a TV Assembleia Legislativa de Roraima, canal 57.3.

O processo de instalação se iniciou em julho de 2012, a partir da assinatura de um protocolo de intenções entre a Assembleia Legislativa e o Senado Federal, mas, somente em 7 de agosto de 2015, já em formato digital, a TV Assembleia foi inaugurada no Estado, com transmissão para Boa Vista e municípios mais próximos da capital, Mucajaí, Cantá e parte de Bonfim, este na fronteira do Brasil com a Guiana.

A infraestrutura da TV ALE-RR está instalada no próprio prédio da Assembleia, localizada na Praça do Centro Cívico, em Boa Vista, onde também se encontram as sedes dos Poderes Executivo e Judiciário. Apenas a transmissão é feita na torre da Embratel, também no Centro da cidade, para assegurar que o sinal chegue com qualidade e o mais distante possível. Os equipamentos são modernos e em alta definição. Segundo informações prestadas pela Secretaria de Comunicação da ALE-RR ao jornal Folha de Boa Vista, à época da inauguração, a proposta da TV, de acordo com o então presidente da Casa Legislativa, deputado Jalser Renier, é “aproximar a população do trabalho desenvolvido pelo Poder Legislativo, uma vez que será possível acompanhar as sessões ao vivo, entrevistas e

programas com temas de interesse da população roraimense”.⁵ No dia 29 de janeiro de 2010, a Assembleia Legislativa de Roraima passou por mudanças na gestão da Mesa Diretora. O deputado Soldado Sampaio do PCdoB foi eleito com 19 votos favoráveis para o biênio 2021-2022. A eleição da nova Mesa Diretora ocorreu após decisão do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes que afastou o deputado Jalser Renier (SD) da presidência da ALE-RR, desde 2015. Com a mudança da gestão da Mesa Diretora, a superintendência de comunicação e a direção da TV também mudaram. A primeira função foi assumida por essa pesquisadora e a segunda pela jornalista Camila Torreias.

A TV ALE-RR, de acordo com as condições estabelecidas no protocolo de intenções, atua numa subcanalização ou faixa de programação do canal de televisão digital cedida pela União, via Senado Federal. Em canal aberto, a sintonia da TV Senado ocupa o canal 57.1, TV Câmara Federal, canal 57.2, TV Assembleia de Roraima, canal 57.3 e TV Câmara Municipal, canal 57.4. Está última, não está em operação no Estado.

A TV ALE-RR compõe a estrutura de comunicação da Assembleia Legislativa e possui uma equipe formada por 40 profissionais, entre jornalistas, repórteres-cinematográficos, técnicos, assistentes, editores, operador de master, motoristas e secretárias. A natureza do vínculo empregatício desses profissionais é composta de estatutários, comissionados e terceirizados por meio da F5 Produções Eireli-EPP, empresa que presta serviços para a TV Assembleia, responsável pela manutenção do transmissor da emissora, produção, edição, filmagens, entre outras atribuições previstas no contrato firmado com o Poder Legislativo estadual.

A emissora tem 14 programas locais em sua grade de programação. São eles: Sessão Ao Vivo, jornal Assembleia Informa, Em Pauta, Resumo da Semana, Boletim Assembleia, Parlamento por Dentro, Parlamento em 1 Minuto, 3 Minutos com o Deputado, Ação Parlamentar, Cabine Brasil, ALE Musical, Dicas do Consumidor, Portal Cultural e Documentários. Tem como principal programa o jornal Assembleia Informa, campo específico de observação e análise deste trabalho.

O programa Sessão ao Vivo vai ao ar às terças, quartas e quintas-feiras, a partir das 9h, e antecipa os assuntos que estão na Ordem do Dia da Sessão Plenária. Os parlamentares analisam os principais fatos do cenário político local e as reportagens mostram o trabalho do Legislativo. Na sequência, a Sessão Plenária do parlamento é transmitida na íntegra, ao vivo,

⁵ Disponível em < <https://folhabv.com.br/noticia/TV-Assembleia-e-inaugurada-em-Roraima/8950> > Acesso em 07 ago. de 2015.

direto do Plenário Deputada Noêmia Bastos Amazonas. Simultaneamente, a transmissão é feita na página da Assembleia Legislativa de Roraima no Facebook e YouTube.

Com as medidas sanitárias de combate a covid-19, a Mesa Diretora da Assembleia Legislativa publicou resolução em março de 2021, que disciplina as sessões ordinárias apenas nas quartas-feiras, de forma híbrida, para evitar aglomerações no Plenário e conter o avanço da doença. Desde o início da pandemia, a Casa adotou medidas para evitar a proliferação do vírus, como uso obrigatório de máscara, uso do álcool em gel, rodízio de servidores, teletrabalho e *home office*, e sessões virtuais.

O programa Portal Cultural tinha quadros inéditos às terças e quintas-feiras, às 18h30, com reprises nos demais dias da semana. No entanto, com a pandemia do novo coronavírus, o quadro é veiculado apenas nas quintas-feiras. O conteúdo tem uma agenda cultural com dicas de teatro, dança, exposições, música, culinária, torneios esportivos e cinema. A ideia é valorizar a cultura local e revelar novos talentos. O Em Pauta entra na grade de programação às segundas, quartas e sextas-feiras com entrevistas inéditas que abordam temas da atualidade, mostrando de forma simples o cotidiano do roraimense com foco na política. As duas produções são disponibilizadas no canal da Assembleia Legislativa de Roraima no YouTube, além das transmissões pelo Facebook, ao mesmo tempo em que são exibidas na TV aberta pelo canal 57.3.

O quadro 3 Minutos com o Deputado traz um resumo das ações dos parlamentares na Assembleia Legislativa. A ideia é primar pela transparência e, com uma linguagem simples e direta, aproximar os roraimenses de tudo o que acontece na Casa do Povo. As gravações são feitas durante as sessões plenárias e exibidas soltas na grade de programação. O Parlamento em 1 Minuto era gravado de segunda a sexta-feira, e traz notícias de última hora sobre as ações parlamentares e programas permanentes da Casa. Com a pandemia, é feito três vezes na semana.

O formato do programa é voltado para as redes sociais e postado no canal do YouTube, Instagram e Facebook. Mas é veiculado solto na programação como espécie de intervalo “comercial”. No caso de TV pública, cabe considerar intervalo institucional.

O Parlamento por Dentro é um programa com informações sobre o funcionamento do Poder Legislativo, desde a atuação das comissões legislativas ao protocolo de proposições, trâmites e votação de projetos de lei, de forma descomplicada, além de dicas de como o cidadão pode participar e contribuir com as ações desenvolvidas pela Assembleia Legislativa de Roraima.

Há ainda o programa Boletim Assembleia, com quadros inéditos às terças e quintas-feiras, com reprise durante a programação. O boletim tem duração média de quatro minutos e traz os destaques das ações do Poder Legislativo. Todo o conteúdo também pode ser conferido na página da Assembleia Legislativa no Facebook e no YouTube.

Os documentários exibidos na TV ALEM-RR abordam temas relevantes e atuais de forma mais detalhada e aprofundada sobre o Estado de Roraima. Imigração, aumento da violência contra a mulher, comunidade LGBT e políticas públicas de inclusão da pessoa com deficiência são pautas constantes. O material também é veiculado nas redes sociais da Assembleia Legislativa de Roraima.

O Cabine Brasil é um espaço em que são exibidas, diariamente, obras cinematográficas locais e nacionais. O ALE Musical, ao longo da programação, divulga clipes musicais de artistas locais e nacionais. Ambos têm o objetivo de fomentar a cultura. Tem ainda o Resumo da Semana. A veiculação ocorre aos sábados e domingos, às 18h, com um resumo das notícias que foram destaque no jornal Assembleia Informa, com cinco blocos.

O quadro Dicas do Consumidor orienta o cidadão sobre os direitos e deveres na relação consumerista. Toda semana é veiculado um programa inédito com reprise durante a programação. O Ação Parlamentar foi criado mais recentemente, para dar espaço às indicações parlamentares ou ações de gabinete.

4. O PROGRAMA TELEJORNALÍSTICO “ASSEMBLEIA INFORMA”

4.1 Dinâmicas contextuais

O programa Assembleia Informa é produzido e veiculado pela TV Assembleia Legislativa de Roraima, tanto pelo canal aberto 57.3 quanto pela Sky – canal 357.3, além de ter o conteúdo divulgado nas redes sociais, por meio da página do Facebook e YouTube da Assembleia Legislativa de Roraima. A TV ALE-RR não possui página própria na internet em decorrência da política adotada pela Superintendência de Comunicação em concentrar todos os produtos midiáticos ligados ao Poder Legislativo em uma única plataforma, com o objetivo de alcançar o público mais conectado à rede mundial de computadores e promover interação e engajamento dos cidadãos por meio da participação social.

Foto 1 – A apresentadora Raynãa Fernandes à frente do programa Assembleia Informa



F

onte:
Imagem
do
fotógraf
o
Eduardo
Andrade

A

concepção geral é de um programa informativo, pensado e elaborado em padrões semelhantes a outras práticas de jornalismo aplicadas à TV, especialmente sobre a linguagem, estruturação, formatos das matérias e o tempo médio das notícias, quer sejam reportagens ou notas.

O Assembleia Informa é veiculado de segunda a sexta-feira, às 18h. O programa reporta informações de interesse geral da população, com a cobertura das ações que

transformam o dia a dia das pessoas, como denúncias de má prestação de serviço público, ações sociais e notícias de interesse humano. Todas as matérias que foram destaque são reprisadas no programa Resumo da Semana, que é exibido aos sábados e domingos, mesmo horário de exibição do telejornal.

O jornal Assembleia Informa tem duração média de 30 minutos. É dividido em três blocos com foco em política e cidadania. No primeiro, estão as matérias mais quentes do dia, geralmente ligadas à política, denúncias, fatos de grande relevância e resultados dos projetos aprovados pela Assembleia Legislativa de Roraima.

No segundo bloco, também são destaques assuntos relacionados ao Parlamento e matérias comunitárias (demandas trazidas pela população, a exemplo de ruas sem iluminação, com buracos, falta de água ou energia, ofertas de emprego), curiosidades e cotidiano. Já o terceiro bloco é dedicado às matérias mais leves e humanizadas dos programas sociais da Assembleia Legislativa, além da divulgação de eventos culturais.

Na sequência, temos o quadro com algumas reportagens que foram exibidas no período de 3 a 7 de fevereiro de 2020, antes da confirmação dos primeiros casos de covid-19 no país. A seleção é apenas um demonstrativo que revela o estilo de estruturação do programa jornalístico. Ressalta-se ainda que o exemplo em questão faz parte do recesso parlamentar do início do ano, o que traz um viés diferenciado se comparado com outro recorte temporal. Todavia, a observação não inviabiliza, antes motiva, outras investidas futuras de pesquisa em caráter comparativo.

No capítulo 5 iremos mostrar como ficou estruturado o programa após as medidas sanitárias para conter o avanço da doença no Estado e as reconfigurações do telejornal nesse contexto, objeto desta pesquisa.

4.2 Estrutura do jornal

As retrancas⁶ foram inseridas em letras maiúsculas (caixa alta), conforme padrão utilizado pela editoria do jornal e arquivo recebido para análise.

Quadro 1- Estrutura do jornal Assembleia Informa

⁶ É o nome que se dá à reportagem para identificá-la internamente. Geralmente é criado usando de duas a três palavras do VT com uma barra separando as palavras-chave.

Jornal	Retranças/temas
03.02.2020	<p>1º BLOCO: VT ABERTURA/TJ /VT PLANO DIRETOR/CAROEBE /VT ASFALTAMENTO/CAROEBE /VT CAM/MUCAJÁ</p> <p>2º BLOCO: VT COLETIVA/CORONAVÍRUS / VT CHECK-UP/EXAMES / VT CRATERA/JOSÉ CASSIMIRO /PREVISÃO TEMPO</p> <p>3º BLOCO: ST VAGAS/SEMANA/NOTA SECA/VT PARCERIAS/PROCON/ VT PESQUISA/PROCON FEVEREIRO</p>
04.02.2020	<p>1º BLOCO: VT EXTRAORDINÁRIA/DELEGADOS /VT COMISSÃO/MADEIREIRO /ST REUNIÃO/MADEIREIRO /VT ANTONIO TORRES/CASAS</p> <p>2º BLOCO: VT COTAS/UFRR FRAUDES/ ST INSCRIÇÕES/FIES /ST EJA/VAGAS /PREVISÃO TEMPO</p> <p>3º BLOCO: ST PROCON/INTERIOR / VT AULA/IMIGRANTES /ST CONCURSO/CONSELHO FARMÁCIA /VT VACINA/ANIMAIS</p>
05.02.2020	<p>1º BLOCO: VT ANTONIOTORRES/CASAS/ VT SITUAÇÃO/FARADILSON / VT REPERCUTE/FARADILSON –</p> <p>2º BLOCO: NOTA COBERTA AVIÃO CAIU / VT REUNIÃO/MADEIREIRO/ VT REDUÇÃO CASOS/HIV / ST AÇÃO CÂNCER/BUCAL</p> <p>3º BLOCO: VT CARLOS PEREIRA/TRÂNSITO /PREVISÃO TEMPO / ST ESPECIALIZAÇÃO/CIÊNCIAS/VT MUSICALIZAÇÃO/INFANTIL</p>
06.02.2020	<p>1º BLOCO: VIVO SEGUNDAREUNIÃO/MADEIREIRO/ VT CORONAVÍRUS/COMISSÃO ALE / VT EMENDA/FORENSE / ST TRÁFICO/ARMAS / NOTA SECA</p> <p>2º BLOCO: VT INVESTIGAÇÃO/DESAPARECIDOS / ST INSCRIÇÕES/OLIMPÍADA HISTÓRIA / VT RECAPEAMENTO/RUAS – HELENA / PREVISÃO TEMPO</p> <p>3º BLOCO: VT PLANOS/ACOLHIDA / ST CONSULTORES/SENAR /VT PREPARAÇÃO/CURSINHOS / ST MESTRADO/ALUNO ESPECIAL</p>
07.02.2020	<p>1º BLOCO: NOTA COBERTA DESAPROPRIA/FAMER /VT 2ª REUNIÃO/MADEIREIRO / NOTA COBERTA FACÇÃO/FEMININA / VT NOVA REDUÇÃO/COMBUSTÍVEL</p> <p>2º BLOCO: VT PROJETOS CÍVIS/REFUGIADOS / VT TREINAMENTO SISTEMA/PROCON / VT BURACO/RUA FELINO</p> <p>3º BLOCO: PREVISÃO TEMPO / ST TÊNIS/IDOSOS/ VT ETAPA FINAL/AMAJARI / VT CUIDADORA/IDOSOS</p>

Fonte: *Scripts* do jornal Assembleia Informa, cedido via e-mail e adaptado pela autora

Do ponto de vista metodológico, a descrição e exploração desses dados referentes ao conteúdo produzido pelo jornal Assembleia Informa ajudam a subsidiar uma análise qualitativa que possa nortear e compreender o processo de construção do telejornal, com abordagens sequenciais dos fatos no decorrer da semana, priorizando ações do Parlamento mesmo no período de recesso das atividades legislativas.

Foto 2 – Equipe da TV Assembleia em cobertura das ações da ALE-RR antes da pandemia



Fonte: Imagem de autor desconhecido postada no grupo de whatApp da Superintendência de Comunicação

A proposta do telejornal é imprimir um jornalismo que priorize a cidadania e que provoque no cidadão, o interesse pela política, uma vez que é ela que modifica/regulamenta as rotinas e dita os rumos de uma nação.

A televisão é uma vitrine construída (por) e construtora (de) representação dos fenômenos sociais, sendo, portanto, para os fundadores dos Estudos Culturais britânicos, um lugar especial para perceber as práticas culturais. Logo, outros deslocamentos teóricos

permitiram essa forma de refletir os meios de comunicação massivos, o que implica, necessariamente, a maneira diferenciada de conceber a cultura.

Cultura é cotidiano. É tudo que gera sentidos revelados pela maneira como as pessoas acessam, utilizam e ressignificam um conjunto ilimitado de práticas em seu cotidiano. De modo que os conteúdos elaborados e divulgados pela televisão são atravessados por essas circularidades de sentidos.

Foto 3 - Repórter Lana Francis durante entrevista sobre cultura e arte antes da pandemia



Fonte: Imagem de desconhecido postada no grupo de whatApp da Superintendência de Comunicação

Raymond Williams (1985), na obra *The Long Revolution*, evidenciou essa multiplicidade de objetos de investigação ao analisar as práticas culturais contemporâneas de uma forma abrangente, sem fazer distinção entre alta cultura e cultura popular, vendo valor em todas as suas manifestações, independentemente de compor ou não o universo intelectual ou das artes. Assim, cultura é

o conjunto e a sobreposição de sentidos que é significativo. O complexo de sentidos indica uma complexa discussão sobre as relações entre desenvolvimento humano geral e um estilo particular de vida, e entre ambos e as obras e práticas de arte e inteligência. É especialmente interessante que em arqueologia e antropologia cultural a referência à cultura ou a uma cultura seja primordialmente à produção material, ao passo que em história e estudos culturais a referência seja antes de tudo a sistemas significantes ou simbólicos. Isso confunde, se é que mesmo mais frequentemente não oculta, a questão central das relações entre produção ‘material’ e ‘simbólica’, a qual, em alguma discussão recente — cf. meu próprio *Cultura* — tem sido sempre relacionada ao invés de contrastada (WILLIAMS, 1985, p. 91 *apud* AZEVEDO, 2017, p. 212).

Ainda segundo Raymond Williams, a cultura é conectada às instituições globais e problematizada a partir de padrões, ou seja, “atividades conformadoras da prática social em conjunto” (Williams, 1985 apud Azevedo, 2017, p. 210). De forma mais aplicável ao estudo em curso, podemos nos referir a um tipo concreto de organização, no caso a TV Legislativa de Roraima e os sentidos em circulação na comunidade em que a TV ALE -RR se encontra inserida e para a qual se volta.

Diante do quadro da estrutura do programa Assembleia Informa, diferentes experiências sociais são trazidas a público pela instituição de radiodifusão (TV Assembleia de Roraima), ao assumir uma forma (noticiosa) e a mobilizar sentidos em outras dimensões críticas desse cotidiano.

No período trazido aqui como ilustrativo, por mais que não se estabeleça de modo rígido, tem-se no primeiro bloco um elenco predominantemente formado pelas chamadas “hard news”: comissão parlamentar para apurar morte de madeireiro no município de Rorainópolis, durante fiscalização ambiental, em área de mata. Vê-se aí, que durante toda a semana, o telejornal repercutiu o caso, que chocou a população do Sul do Estado; ação de desapropriação que reflete o déficit habitacional na Capital; problemas de infraestrutura nas ruas de Boa Vista e as primeiras ações das autoridades locais de combate a proliferação do novo coronavírus. Roraima foi o último Estado a registrar casos da doença.

O segundo bloco apresenta um conjunto de práticas cotidianas que mesclam notícias mais sérias, dando sequência ao primeiro bloco, com fatos leves, a exemplo da previsão do tempo, inscrições para Olimpíadas de História e treinamento do Procon Assembleia. O terceiro e último bloco do Assembleia Informa apresenta outras qualidades de práticas cotidianas em construções noticiosas, tais como cultura e cursos.

No geral, depreende-se que os sentidos postos em circulação – por meio do programa da TV ALE-RR - podem ser partilhados e comuns à cobertura jornalística de outras instituições de radiodifusão e a outros tecidos sociais, além de Roraima. O que empresta especificidades culturais são os processos que articulam esta tecnologia com a sociedade local em fluxo interdependente.

Desse modo, e na impossibilidade de contemplar a rica diversidade de aspectos envolvidos no estudo da TV no espaço desta pesquisa, detemo-nos no conteúdo do programa Assembleia Informa, para refletir a tessitura cultural local e algumas noções nesse entorno. Antes, porém, observa-se que o próprio nome do programa reforça a marca de uma comunicação vinculada ao setor público legislativo. Este sentido institucional sugere a

possibilidade de ingerência política no cotidiano da “cultura profissional”, afetando os que fazem a sua programação. Logo, a estrutura tecnológica do meio (TV ALE-RR) tende a atuar, mas não controlar as estruturas de conteúdo construídos no programa Assembleia Informa.

A realidade da determinação é estabelecer limites e exercer pressões, dentro dos quais as práticas sociais variáveis são profundamente afetadas, mas não necessariamente controladas. Trata-se de pensar a determinação não como uma única força ou uma única abstração de forças, e sim como um processo em que fatores determinantes reais – a distribuição de poder ou de capital, a herança social e física, as relações de escala e de tamanho entre grupos – colocam limites e exercem pressões, mas não controlam nem preveem completamente o resultado de uma atividade complexa dentro ou nesses limites, sob ou contra essas pressões (WILLIAMS, 2016, p. 139)

Mas o que representa em termos de sentidos esse conjunto de notícias apresentadas no curso de uma semana? Segundo Williams (2016), seguindo suas indicações para pensar a televisão numa perspectiva tecnológica e cultural, é uma forma de perceber a relação direta e próxima da televisão com o caráter ordinário da vida cotidiana. É uma espécie de enquadramento específico, construído institucionalmente pela TV ALE-RR, que resulta numa forma de expressão cultural de Roraima e que nela estão imbuídas outras forças políticas, sociais, históricas e econômicas.

A televisão amplia as formas de discussão e de debate públicos. Por mais que hoje haja um recrudescimento tecnológico por meio da internet, que a priori oferece maior capilaridade para o debate, as observações de Williams na década de 1970 restam perenes ao evidenciar o potencial da televisão, não pela rota do determinismo tecnológico, mas por oferecer campos semânticos e complexos de articulações sociais e culturais.

Foto 4 - Um dos vários momentos vividos pela repórter Beatriz Prill durante a reportagem antes da pandemia



F

onte:
Imagem
da
jornalist
a
Yasmin
Guedes

E

ntrelaç
ado a
este,
outro
ponto
que se
ressalt
a é o
potenc
ial de
uso do
concei
to de
cultura
, pela
central
idade

ocupada nas pesquisas dos estudos culturais, como forma de refletir as experiências de uma TV legislativa, de campo público, olhando mais detidamente o programa jornalístico Assembleia Informa da TV Assembleia de Roraima. Antes, partimos da própria necessidade de circunscrever a natureza da TV ALE-RR como de campo institucional, portanto, vinculada a uma organização política na esfera legislativa a desenvolver um tipo de comunicação afinado com sua institucionalidade.

Segundo Williams (3026), para compreender a televisão como mosaico da vida social é indispensável que se faça a contextualização histórica como maneira de perceber as suas especificidades. Há nesse cenário, elementos históricos calcados sobre uma política roraimense de cariz conservador que podem restringir, mas não controlar, a atuação da TV ALE-RR e seus programas.

Podemos arrolar por fim que, mesmo se diferenciando da natureza comercial e privada de outras emissoras, os cruzamentos culturais que a TV ALE-RR realiza em contexto local, por meio do Assembleia Informa, também são moldados por lógicas mais amplas, uma vez que este meio de comunicação mantém vínculo e atenção aos padrões da sociedade capitalista, inserida no jogo de tensões permanentes, interesses e disputas por narrativas e significados, num cenário de radicais desigualdades.

As práticas e os processos de desenvolvimento da TV ALE-RR ocupam um lugar na formação social do Estado. E se destaca pela responsabilidade de atuar como canal cidadão e pela democratização da comunicação, dado a natureza de sua criação. Para Monteiro (2011, pag. 11), as TVs legislativas “dão visibilidade ao que acontece na ‘Casa Legislativa’ local, uma forma de provocar o debate e possibilitar que a população conheça e participe dos embates políticos e no rumo das políticas públicas”. Ressalta-se aqui, tudo isso em tempo real com as transmissões ao vivo das sessões plenárias, reuniões de comissões e audiências públicas.

5. O TELEJORNALISMO ESCULPIDO NA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: RECONFIGURAÇÕES DO ASSEMBLEIA INFORMA

Este momento da pesquisa é constituído pela colaboração de um grupo de jornalistas da TV Assembleia (por meio de entrevistas semiestruturadas durante suas atividades presenciais no dia 4 de março de 2021) e pela minha observação participante. Essas técnicas se juntam ao registro fotográfico de algumas ações e à necessária articulação com as leituras bibliográficas para buscar responder as questões centrais da pesquisa: De que maneira o telejornalismo local, por meio do programa Assembleia Informa, teve a sua rotina de produção de informação alterada pela pandemia do novo coronavírus e dos protocolos sanitários exigidos para enfrentamento à covid-19? Como a mediação da tecnicidade ajuda a perceber as alterações no processo de produção do telejornalismo local?

Diante disso, este capítulo procura fazer também uma espécie de moldura política da pandemia no Brasil e das relações desse cenário com o trabalho da imprensa. Trata-se de uma camada contextual que oferece múltiplos sentidos para entendermos a dimensão trágica da covid-19 e os contornos e reconfigurações que o jornalismo em suas diferentes faces tecnológicas precisa fazer para manter firme o compromisso de interlocução com a sociedade.

5.1 A face política da pandemia no Brasil e as relações com a imprensa

A virada do ano de 2020 para 2021 não foi muito diferente das anteriores. Sonhos, expectativas, promessas pessoais de mudança, confraternizações, mil e um planejamentos feitos como de costume. Tudo aparentemente normal, mesmo com os rumores de que um vírus surgido na China, em dezembro de 2019, poderia “ditar as ordens” em todo o mundo nos próximos anos. Sem desconfiar do potencial do patógeno e de que ele seria, em pouco tempo, responsável por uma das maiores pandemias dos últimos cem anos, a humanidade deu de ombros. A vida seguia o seu “normal”, com todos à espera dos dias mágicos da festa de Momo.

No fim de fevereiro, após o fim da folia momesca, o Brasil registrava o primeiro caso de infectado pelo novo coronavírus (ou covid-19, palavra formada pelos termos coronavírus disease [doença por coronavírus], tendo o 19 como referência ao ano em que surgiu). No mesmo período, centenas de registros de pessoas infectadas já haviam sido feitos na Europa. Era 26 daquele mês, Quarta-feira de Cinzas. Três dias depois, o segundo caso positivo é identificado. Ambos na cidade de São Paulo. A declaração de transmissão comunitária no país aconteceu em março, mês em que também houve a primeira morte. Roraima foi o último estado a registrar casos da doença, em 21 de março.

Enquanto o mundo se preparava para o pior, tentando medidas de contenção da doença totalmente desconhecida, o Brasil entrava numa espiral de negacionismo, atritos internos, falta de políticas públicas para lidar com a pandemia, apesar das advertências do então ministro da Saúde, Henrique Mandetta, de que se tratava de um vírus de fácil propagação global. Ele fez um alerta: era preciso lutar para evitar a proliferação do novo coronavírus.

O ex-ministro foi um dos primeiros a criticar a demora da Organização Mundial da Saúde (OMS) em decretar a pandemia, o que levou muitos países a não adotar protocolos mais rígidos de combate à doença logo no início do surto, a exemplo da Itália, que foi o primeiro epicentro do novo coronavírus no mundo, vitimando milhares de pessoas. Não demorou muito para que uma onda da doença se espalhasse por toda a Europa e demais continentes.

Os esforços de Mandetta para seguir protocolos avalizados pela ciência não tiveram eco no Palácio do Planalto. O presidente da República, Jair Bolsonaro, ignorou as recomendações da OMS, usou informações falsas para minimizar a gravidade da pandemia durante pronunciamentos em rede nacional e debochou do vírus que, até o início de março de 2021, já havia matado mais de 2,5 milhões de pessoas no mundo. No mesmo período, o Brasil registrava mais de 260 mil mortes provocadas pela covid-19 e quase 10,8 milhões de infectados

Enquanto governantes ao redor do mundo tentavam adotar protocolos para refrear a pandemia, o governo brasileiro apostou na indicação de medicamentos sem eficácia comprovada contra a doença, não se preparou para uma tragédia anunciada, abriu mão de investir em pesquisas para vacina e se aliou a alguns poucos líderes mundiais que se negaram a admitir que o pior estava por vir. Um deles, o ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump, se tornou uma das principais referências do colega Jair Bolsonaro que, em vez de priorizar a ciência, dedicou-se diuturnamente a boicotar as medidas e intenções do próprio Ministério da Saúde, o que levou à demissão de dois ministros em um curto período em 2020. Mandetta e seu substituto, Nelson Teich, que teve uma breve passagem pela pasta, eram constantemente desautorizados pelo presidente da República.

Ao mesmo tempo em que os responsáveis pela Saúde pregavam distanciamento social, uso de máscara, higienização das mãos e não avalizavam o uso de remédios ineficazes contra o coronavírus, a exemplo da cloroquina, veementemente defendida por Jair Bolsonaro,

este criticava publicamente o protocolo adotado pelos próprios subordinados. Um mau exemplo que levou grande parte da população a desacreditar da gravidade da doença e que, sem sombra de dúvidas, levou o Brasil a chegar à vice-liderança mundial no número de mortes e contaminações pelo coronavírus.

Como se não bastasse, novas variantes do vírus foram identificadas no país, que, na primeira semana de março de 2021, teve a maior média diária de mortos desde o início da pandemia, beirando os dois mil. E, pela primeira vez, com o Ministério da Saúde admitindo que as ocorrências diárias poderiam chegar nos três mil.

Diante desse quadro catastrófico, Jair Bolsonaro segue na contramão da ciência, desprezando as medidas de segurança, criticando as restrições de circulação de pessoas, opondo-se a prefeitos e governadores que optaram pela quarentena e lockdowns (ainda que estes não sejam tão restritivos como em outras partes do mundo), ignorando os milhares de mortos e desdenhando da dor de quem perdeu amigos, colegas e parentes para a pandemia.

Na semana em que o presidente tratou como “mimimi” e “frescura” o comportamento de quem tenta se manter livre da doença e vive o luto pelos seus entes, o Brasil se aproxima das quase 300 mil mortes. E o mandatário segue numa marcha contra o povo, numa espécie de realidade paralela, defendendo o uso de cloroquina e outros medicamentos ineficazes, enquanto perde oportunidades de adquirir vacinas e anda a passos lentos para imunizar a população com as poucas doses adquiridas. O ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello seguia a mesma cartilha e era diariamente criticado pela ineficiência no combate à pandemia, o que culminou na sua saída da pasta em 23 março de 2021. Pouco menos de um mês depois de ser exonerado, foi criada pelo Senado a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid que, entre outras coisas, vai investigar a atuação de Pazuello no combate à pandemia, incluindo o colapso da saúde no Amazonas no começo do ano, quando pacientes morreram por falta de oxigênio no estado, além de ações e omissões do governo federal frente à doença.

O negacionismo, a fúria, as imprecações e todo o rol de insanidades adotado pelo presidente não se volta apenas contra governos de oposição ou os defensores das medidas sanitárias de combate à covid. Um de seus principais alvos, em meio ao recrudescimento da pandemia no país, é a imprensa, que teve de se adaptar aos “novos tempos”, assim como diversos setores da economia ao redor do mundo e seus mais variados campos de trabalho.

Mesmo assinando o Decreto 10.288, de 22 de março de 2020, que definiu as atividades e os serviços relacionados à imprensa como essenciais, o governo Bolsonaro nunca deixou de se mostrar avesso à liberdade de expressão, à verdade e, constantemente distorcer os fatos. Seus ataques aos profissionais e órgãos do setor recrudesceram durante a pandemia. Já os blogs e sites bolsonaristas, especialistas em espalhar fake news e detratar opositores do presidente, sempre tiveram apoio do Palácio do Planalto e reverberaram os ataques do presidente. Um inquérito da Polícia Federal que investiga a organização de atos antidemocráticos, conforme noticiado pelo jornal O Estado de S. Paulo em dezembro de 2020 e repercutido por outros órgãos de imprensa, apontou que youtubers bolsonaristas ganham R\$ 100 mil mensais com informações privilegiadas do Palácio do Planalto,

O jornal afirma ter acessado o inquérito com mais de 1.150 páginas. Foram mais de sete meses de investigações que, conforme o “Estadão”, “mostraram os elos e a convivência harmoniosa da Secretaria de Comunicação da Presidência da República com os youtubers do ‘gabinete do ódio’, núcleo palaciano que adota um tom beligerante nas redes sociais”.

A existência de tal grupo foi revelada pelo mesmo jornal em 2019. Mais de 30 pessoas haviam sido ouvidas à época da divulgação da notícia, entre elas, o deputado Eduardo Bolsonaro e o vereador Carlos Bolsonaro, ambos filhos do presidente. Carlos, conforme a investigação, é apontado como comandante do “gabinete do ódio”.⁷

Em 2020, segundo a organização internacional Repórteres sem Fronteiras em relatório divulgado em janeiro de 2021, houve 580 ataques à imprensa feitos por pessoas ligadas a Jair Bolsonaro.⁸ De acordo com a ONG, liderado o ranking dos que mais atacaram e ofenderam jornalistas e empresas de comunicação está a família do presidente, sendo Eduardo Bolsonaro aquele que, sozinho, fez pelo menos 208 ataques a profissionais da imprensa, seguido pelo pai, com 108, e pelos irmãos Carlos e Flávio, com 89 e 69, respectivamente. Na lista, seguem ministros como Damara Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos), Ricardo Salles (Meio Ambiente), Onyx Lorenzoni (então ministro da Cidadania) e o vice-presidente da República, Hamilton Mourão.

⁷ Disponível em <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,como-youtubers-bolsonaristas-ganham-r-100-mil-mensais-com-informacoes-privilegiadas-do-planalto,70003539302>> Acesso em: 9 de mar de 2020.

⁸ Disponível em <https://www.abraji.org.br/noticias/reporteres-sem-fronteiras-registra-580-casos-de-ataques-contra-a-imprensa-em-2020> Acesso em: 9 de mar. de 2020.

Ainda conforme o Repórteres sem Fronteiras, as redes sociais são o principal meio usado pelos bolsonaristas para proferir ataques, como o Twitter e o Facebook, sendo 409 feitos pelo primeiro e outros 10 pelo segundo, além de 17 transmissões ao vivo (live).

A ONG destaca outro ponto que ilustra bem a intolerância do governo com a imprensa: os profissionais processados e os ameaçados de processo, que ela classifica como processos abusivos contra a imprensa, numa espécie de “esporte nacional”. Por outro lado, SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) e Record, emissoras próximas à linha da Presidência da República, têm, segundo o Repórteres sem Fronteiras, “favoritismo na distribuição de verbas públicas”.

O “Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil – 2020”, elaborado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj)⁹ e lançado no fim de janeiro de 2021, aponta que aquele ano foi o mais violento, desde o começo da década de 1990, quando a entidade sindical iniciou a série histórica. Foram 428 ataques, incluindo dois assassinatos, o que representa um aumento de 105,77% em relação a 2019, ano em que também houve aumento das violações à liberdade de imprensa no país.

De acordo com a Fenaj, o crescimento da violência está diretamente ligado à chegada de Jair Bolsonaro ao poder e ao recrudescimento do bolsonarismo. A entidade aponta que a “descrédibilização” da imprensa foi uma das violências mais comuns: 152 casos, tendo Bolsonaro como o principal agressor, responsável por 142 episódios. Sozinho, o presidente respondeu por 175 registros de violência contra a categoria. Foram 145 ataques genéricos e generalizados a veículos de comunicação e a jornalistas, 26 casos de agressões verbais, um de ameaça direta a jornalistas, outra à Globo e dois ataques à Fenaj.¹⁰

Para Maria José Braga, presidente da Fenaj, “a postura do presidente da República serve de incentivo para que seus auxiliares e apoiadores também adotem a violência contra jornalistas como prática recorrente. Os episódios de cerceamento à liberdade de imprensa por meio de ações judiciais subiram 220%: de 5 em 2019, para 16 casos em 2020. Esses números constam Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil.

⁹ Disponível em: < https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf > Acesso em: 9 de mar. de 2020.

¹⁰ Disponível em: < <https://fenaj.org.br/violencia-contrajornalistas-cresce-10577-em-2020-com-jair-bolsonaro-liderando-ataques> > Acesso em 9 de mar. de 2020.

Apesar dos ataques diários de Bolsonaro e de seus seguidores, os órgãos profissionais não se deixaram intimidar. Muito pelo contrário. Adotaram ferramentas de combate a fake news propaladas pelos negacionistas e até promoveram uma campanha de incentivo à vacinação, que conta com a participação de diversos veículos e artistas, que se propuseram a ocupar o espaço deixado vazio pela gestão federal.

Muito antes da campanha, para se contrapor à iniciativa do governo federal de restringir o acesso a dados da pandemia, em junho de 2020, veículos de imprensa formaram um consórcio para buscar as informações sobre a covid-19 nos 26 estados e no Distrito Federal.

O Ministério da Saúde, sob a gestão de Pazuello, caiu em descrédito pela sua ineficiência e, principalmente, após a decisão de Jair Bolsonaro, que colocou em dúvida os números “oficiais” e a precisão deles. Mais uma evidência do viés negacionista do presidente e de sua equipe que, conforme noticiado diariamente desde o início da pandemia, desprezam os protocolos de combate à pandemia adotados em boa parte do mundo e tentam boicotar iniciativas de autoridades estaduais e municipais que tentam preservar vidas.

5.2 Dos indícios de profundas mudanças aos novos formatos jornalísticos

Antes mesmo do anúncio do primeiro caso confirmado do novo coronavírus no Brasil, em fevereiro de 2020, o jornalismo da TV Assembleia já noticiava sobre o assunto como sinal de alerta. A situação de Roraima era preocupante, devido a sua localização no extremo Norte do país, fazendo fronteira com dois países: Venezuela e Guina. Somados a isso, o Estado vive uma crise humanitária histórica com a vinda de milhares de imigrantes venezuelanos que entram no Brasil em busca de uma vida melhor. A situação econômica, política e social que assola o país vizinho tem provocado grande deslocamento de pessoas que estão sem moradia, acesso a alimentos e atendimentos médicos. Essa foi a primeira fronteira fechada entre o Brasil e outro país da América do Sul, usando como argumento a pandemia do novo coronavírus.

Como as informações sobre o vírus geravam muitas dúvidas, as formas de prevenção e contágio, tratamento e gravidade da doença eram complexas. As recomendações do Ministério da Saúde diante de um cenário sem perspectiva de cura e vacina para prevenir a infecção, eram lavar as mãos com água e sabão. Na falta deste, utilizar álcool em gel e evitar tocar nos olhos, nariz e boca com as mãos sujas. Não se falava ainda em uso obrigatório de

máscara. A orientação era cobrir boca e nariz ao tossir, ou espirrar com um lenço de papel e jogar no lixo e limpar superfícies tocadas com frequência.

O comportamento na redação da TV Assembleia até então permaneceu sem mudanças, mesmo com os decretos do Governo de Roraima e Prefeitura de Boa Vista, no dia 16 de março de 2020, após a confirmação de quatro casos suspeitos de infecção no Estado. Os atos passaram a valer no dia seguinte, dia que em foi confirmada a primeira morte provocada pelo coronavírus no Brasil. As aulas da rede pública de ensino foram suspensas, proibidos eventos públicos e visitas as unidades prisionais, na tentativa de evitar aglomerações. Foram orientados ainda, a suspensão das aulas em escolas particulares, além de bares e restaurantes adotarem medidas de higienização para evitar o contágio da doença.

As determinações governamentais repercutiram no plenário da Assembleia Legislativa. Parlamentares cobraram medidas para evitar a disseminação da doença no Estado. A fronteira com a Guiana também foi fechada pelo Governo Federal. Os dois primeiros casos confirmados da doença em Roraima, no dia 21 de março de 2020, foram de um casal que tinha chegado da cidade de São Paulo, após tratamento de saúde do filho. A mulher é servidora da Assembleia Legislativa de Roraima e chegou a trabalhar no prédio do Poder Legislativo, localizado no Centro Cívico por, pelo menos, uma semana até a confirmação do exame positivo para a doença.

Como medida para conter o avanço da doença, o Executivo decretou estado de calamidade pública e o então presidente da Assembleia Legislativa de Roraima, Jalser Renier, informou por meio de comunicado à imprensa, a suspensão das sessões ordinárias e extraordinárias, das atividades legislativas e administrativas, e decretou ponto facultativo para todos os servidores do Poder Legislativo por tempo indeterminado. Essas medidas foram publicadas no Diário Oficial da ALERR, no dia 22 de março, edição especial 3195.

No entanto, a Resolução 010/2020, traz em sua redação, artigo 3º, que as “chefias imediatas podem convocar servidores para atividades presenciais, quando não for possível a realização destas fora das dependências da ALERR”. O único setor que não parou totalmente após a determinação da Assembleia Legislativa de Roraima foi a Superintendência de Comunicação. Um plano de contingenciamento foi instituído, considerando a importância da manutenção de canal de comunicação permanente da Assembleia Legislativa com os órgãos de imprensa no momento de crise sanitária.

Considerando ainda que a TV Assembleia é um canal institucional de caráter público, tem a missão de divulgar as ações do Poder Legislativo, mas também tem uma

função cidadã, que é contribuir com a democratização da informação e reportar fatos à população sobre o combate ao vírus, medidas de prevenção e enfrentamento a crescente onda de informações falsas, popularmente conhecidas como *fake news*.

Sobre esse e os demais aspectos relacionados às mudanças culturais na prática jornalística da TV Assembleia que se constituirão na sequência, passaremos a manter um diálogo com uma série de autores que publicaram suas pesquisas no livro *A (re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia*.

A trágica conjugação das *fake news* em contexto de pandemia leva-nos inevitavelmente a repensar a atividade profissional do jornalismo pelo papel e as suas funções desenvolvidas no corpo da vida social. As tensões provocadas pela circulação de notícias falsas redirecionam o noticiário para o lugar de centralidade na sociedade brasileira. E essa evidência se direige também ao noticiário televisivo. “A partir das informações recebidas por um meio simples, de fácil acesso, homens e mulheres podem mobilizá-las para adaptar-se ao cotidiano que vivem, adequar-se, conforma-se ou mudá-lo” (Mesquita e Vizeu, p. 23, 2020).

Foto 5 – A fonte passou a segurar o microfone como medida de segurança



Fonte: Imagem do fotógrafo Eduardo Andrade

Foram instituídas escalas semanais de trabalho presencial e *home office*, considerando servidores que estão no grupo de risco; que têm filhos pequenos, moram com pais idosos e/ou estão gripados. Os contatos com entrevistados passaram a serem feitos de forma remota, por meio de videochamadas ou envio de vídeo feito pelo próprio entrevistado. Nos casos de entrevistas presenciais, a TV passou a utilizar dois microfones: um para o repórter e outro para o entrevistado, sendo que o equipamento, obrigatoriamente, precisava ser esterilizado após o uso com álcool isopropílico.

Entorno desses mudanças técnicas há algo que pode ser compreendido como uma metanarrativa. As alterações que reconfiguram um padrão e condutas do ambiente jornalístico já conhecidas pelo próprio público, podem ser elas mesmas uma outra forma de mensagem, um reforço sobre a necessidade de mudar de comportamentos. Assim,

[...] ao mesmo tempo em que cativa a audiência com a informação, a emissora também precisa preservar seus profissionais e fontes. Como continuar fazendo telejornalismo sem a presença e o contato com as fontes? Dessa forma, novos modos de produzir e exibir telejornalismo passaram a ser experimentados, em muitos momentos, ao vivo” (Caleffi e Pereira, p,73, 2020)

Já as equipes do Rádio, Impresso, Publicidade e Administrativo passaram a ser demandadas em sistema de *home office*. Com exceção dos fotógrafos, que obedeciam a escala de trabalho presencial. Esta, por sua vez, foi reduzida para cinco horas diárias. O uso de máscara, álcool em gel e o distanciamento social passaram a ser rotina na vida de jornalistas que atuam na linha de frente para levar informação ao cidadão.

Com o plano de contingenciamento e redução de profissionais na redação, alguns produtos da grade de programação da TV Assembleia foram suspensos: Sessão ao Vivo, Boletim Assembleia, 3 Minutos com o Deputado e Parlamento em 1 Minuto. O Portal Cultural passou a exibir reprises e o programa Em Pauta se adaptou às novas tecnologias e as entrevistas eram feitas à distância, por videochamadas.

Devido à urgência de tratar do tema covid-19, e mesmo com a redução de equipes que passaram a atuar em regime de plantão, a TV ALERR expandiu o jornalismo e adotou uma edição extra do jornal Assembleia Informa, às 12h, ao vivo, de segunda a sexta-feira, em formato de boletim informativo especial sobre a pandemia do novo coronavírus em Roraima. A primeira edição do jornal começou ser veiculada em 23 de março de 2020, um dia após a publicação do decreto do Legislativo restringindo o acesso ao prédio da Assembleia Legislativa de Roraima apenas para serviços essenciais.

**Foto 6 – Apresentadores Otacílio Medeiros e Beatriz Prill da edição extra do
AI das 12h**



Fonte: Imagem de frame do jornal

O jornal das 12h ficou no ar até 8 de maio de 2020. A decisão de não continuar com a produção do programa extra foi da então coordenadora da TV Assembleia, cargo que esta pesquisadora ocupou até 28 de janeiro de 2021. A medida foi necessária quando surgiu o primeiro caso confirmado de covid-19 na redação. Todos os jornalistas que tiveram contato com o repórter infectado foram orientados a ficar em quarentena e aguardar os resultados dos exames. Naquele período, os testes para detectar o Sars-CoV-2 eram muito restritos. Os rápidos nos postos de saúde eram feitos apenas em pacientes que apresentavam alguns sintomas da doença, como febre, tosse e falta de ar.

Já os testes moleculares (RT-PCR), conhecidos como teste do cotonete - utilizado para coleta de secreção nas narinas -, eram analisados no Laboratório Central de Roraima (Lacen), único público do Estado. Os exames eram restritos aos profissionais de Saúde e aos pacientes internados em estágio grave da doença. A rede privada de laboratórios passou a oferecer os testes rápidos. No entanto, o preço praticado no início da pandemia inviabilizava que o cidadão de baixa renda tivesse acesso a eles. Toda essa dificuldade de conseguir o exame para detectar ou descartar a doença “esvaziou” a redação do jornal Assembleia Informa.

Mesmo diante dos desafios, do medo de ser infectado e de levar a doença para dentro de casa, os jornalistas aderiram ao plano de contingenciamento proposto pela coordenação da TV Assembleia. Participar da cobertura jornalística de uma pandemia, do enfrentamento ao negacionismo e do combate às notícias falsas virou sinônimo de resistência na redação. A jornalista Beatriz Prill foi uma das âncoras do jornal Assembleia Informa 1ª edição. Em entrevista para esta pesquisa, ela detalhou os sentimentos vividos no período mais

crítico da primeira onda da covid-19 no Estado, a rotina, os medos e os desafios na reportagem diante de um inimigo invisível.

Ela classificou como um “baque” as mudanças provocadas pela pandemia, principalmente para quem gosta de ir para a rua, destacando que sentiu o impacto de não poder mais ter contato cara a cara com os entrevistados. Inicialmente, conforme relata, a produção do jornal pedia que os próprios entrevistados, em razão do distanciamento social, enviassem vídeos o que, de certa maneira, dificultava sua “autonomia” sobre as matérias, ou seja, fazê-las como ela achava que deveriam ser feitas.

Eu pensava: se eu pudesse estar lá com o entrevistado, poderia ter feito outra pergunta, teria aprofundado mais num quesito que ele falou [...] Isso atrapalhou bastante. Começamos a gravar com os entrevistados por meio do Skype, Zoom, ferramentas de videochamadas que nos aproximaram de novo do entrevistado. Mas mesmo com essa reaproximação, ainda havia a dificuldade de ter boas imagens para cobrir as matérias (PRILL, 2021).

Beatriz contou ter sido infectada pelo coronavírus em maio de 2020, o que a afastou por 20 dias do trabalho. “Fiquei isolada no meu quarto, com medo de passar a doença para a minha mãe. Até hoje, tenho esse receio, pois ela ainda não pegou covid”. Durante a pandemia, Beatriz Prill desempenhou, além do papel de repórter, os de apresentadora e produtora.

Apesar das dificuldades enfrentadas nesse período, ela disse sentir “orgulho” da responsabilidade de ser jornalista em momentos importantes como este. E lembrou de outra experiência que também resultou em crescimento profissional:

Uma cobertura histórica que todo jornalista que mora em Roraima fez foi sobre a imigração [de venezuelanos]. Desde que comecei a ser jornalista, essas duas pautas [imigração e pandemia] foram as maiores coberturas jornalísticas e históricas das quais pude participar. Isso é algo peculiar de Roraima (PRILL, 2021).

Foto 7 – Equipe da TV Assembleia em cobertura durante a pandemia



Fonte: Imagem do fotógrafo Tiago Orihuela

A pandemia trouxe mudanças na relação entre o repórter e o entrevistado. Foi necessário apostar mais na confiança mútua e ter o apoio daquele que, a princípio, seria apenas o personagem da história, mas passou a ser um aliado na produção da matéria.

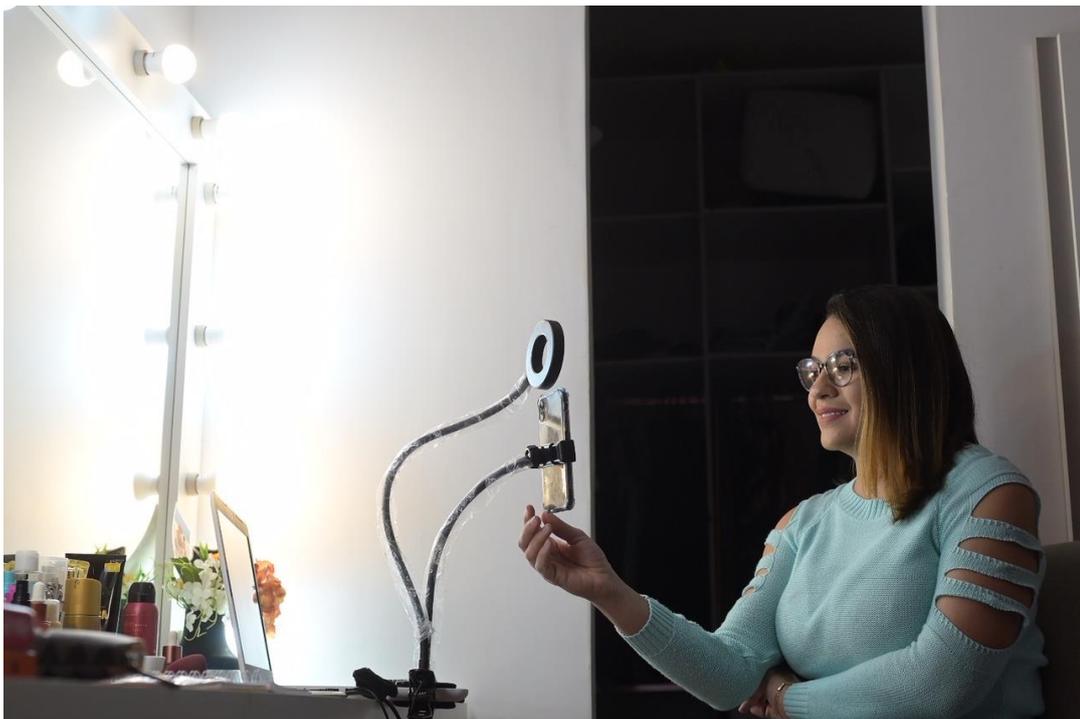
Esse foi um dos maiores desafios da produção em si, pois, além de o entrevistado não ter isso como responsabilidade que um profissional de jornalismo tem, ele faz isso se quiser, se tiver tempo, se puder. Não é o trabalho dele, ele está se doando àquilo, mas acredito que a maioria dos entrevistados faz isso de bom grado (PRILL, 2021).

Esse deslocamento da fonte que passa a cumprir ritos antes exclusivos da produção da notícia é, sobremaneira, uma reconfiguração importante de procedimentos e de sentidos culturais no ambiente profissional e na relação entre os agentes que participam da construção da notícia.

Durante este momento de pandemia enxergamos a formatação diferenciada na produção e produto do noticiário televisivo, o qual denominamos de ‘telejornalismo remoto’: com repórteres em casa, ou ‘presos’ em redações, fontes gravando os próprios relatos e imagens, entrevistas ao vivo pela internet, com muito mais

frequência, personagens passam a captar imagens para ajudar na construção da própria história” (Cerqueira e Gomes, p. 165, 2020).

Foto 8 - Carla Albuquerque grava para o Em Pauta e o jornal Assembleia Informa por meio de vídeo chamadas



Fonte
:
Image
m do
fotógr
afo
Jader
Souza

A

inda
que
tenh
a
ressa
ltado

que muitos dos vídeos produzidos por esses novos “parceiros” deixassem a desejar na qualidade, em razão da falta de conhecimento técnico dos entrevistados, ter de passar orientações para eles sobre critérios de gravação como iluminação e enquadramento, criou vínculos. “Acredito que isso fez estreitar os laços [entre a equipe de reportagem e os entrevistados/personagens]”, avaliou Beatriz Prill.

Ainda de acordo com Prill, as mudanças no jornalismo em consequência da pandemia vieram para ficar, mesmo com a flexibilização das restrições sanitárias “Acho que isso veio para permanecer. Agora que a gente sabe como funciona, por que não continuar usando quando não houver possibilidade de se manter um contato presencial?”.

Gabriela Nogueira, coordenadora de Produção da TV ALE-RR e do Jornal Assembleia Informa, foi outra profissional que teve de se adaptar aos novos tempos e “se virar nos 30”, como fez questão de destacar. Após o decreto da Assembleia Legislativa, de 21 de março de 2020, que suspendia as atividades presenciais logo após terem sido registrados os dois

primeiros casos de covid-19 em Roraima, um deles tendo sido em uma servidora da Casa, os contatos com entrevistados e produção de matérias passaram a ser feitos à distância.

A gente passou a fazer apenas por telefone, pedindo os vídeos [aos entrevistados], meio que ‘camuflando’ o contato entre o repórter e o entrevistado, porque, muitas vezes, conversando pessoalmente é de onde se pega o *feeling* da matéria, dependendo do que a pessoa vai falar. A gente, como produtora, tem uma visão, e o repórter, tem outra. Quando chegava o vídeo, sentíamos a necessidade de muitas outras coisas. Foi um ponto a ser melhorado. Outro fator foi em relação às imagens. O repórter vinha para a redação, escrevia daqui mesmo com base nos vídeos e nas informações que tinha. Tivemos o cuidado de preservar os cinegrafistas. Em muitos casos, usamos [imagens de] arquivo, mas, em outros, tivemos de mandar o pessoal para a rua (DUARTE, 2021).

Apesar das dificuldades iniciais dessa nova forma de fazer jornalismo, para Gabriela, ter o entrevistado como um “produtor”, tornou o trabalho dinâmico, gerando até mesmo uma intimidade com ele ao passar orientações técnicas de como fazer os vídeos. Esse estreitamento de contato criou uma parceria na forma de se produzir.

A relação com a fonte fez com que houvesse um fortalecimento da confiança mútua entre a equipe de jornalismo e as fontes/entrevistados. Contamos com a boa vontade deles, houve uma troca, e a TV Assembleia, mesmo sendo institucional, teve um crescimento na credibilidade e visibilidade do canal (DUARTE, 2021).

Sobre as entrevistas a distância é preciso analisar o que se perde nesse formato. Cremilda Medina (2001) oferece contrapontos fundamentais que problematizam esses deslocamentos forçados pela pandemia, muito antes dela fazer parte da rotina profissional. Para a autora, adequada da entrevista como uma relação dialógica,

Um leitor, ouvinte ou telespectador sente quando determinada entrevista passa emoção, autenticidade, no discurso enunciado tanto pelo entrevistado quanto no encaminhamento das perguntas pelo entrevistador. Ocorre, com limpidez, o fenômeno da identificação, ou seja, os três envolvidos (fonte da informação, repórter, receptor) se interligam em uma única vivência (MEDINA, 2001, p. 5-6.).

O caráter dialógico foi muito prejudicado nesse período de pandemia. E um dos grandes obstáculos para se concretizar aquilo que Medina caracteriza como diálogo possível é justamente a falta de “humanização do contato interativo: quando, em desses raros momentos

ambos – entrevistado e entrevistador – saem “alterados” do encontro, a técnica foi ultrapassada pela “intimidade” entre o EU e o TU” (MEDINA, p. 7, 2001).

Ressignificar esse processo ainda é um desafio diante da necessidade de manter o distanciamento social. O uso da tecnologia tem agilizado a apuração da notícia, mas imprimido um contato cada vez mais virtual entre entrevistado e entrevistador. Um diálogo separado por telas não substitui o tradicional olho no olho. “Uma sensibilidade diferenciada que se manifesta através dos gestos, do olhar, da atitude corporal” (MEDINA, p. 30, 2001).

Um dos limites dessa readequação imposta pela pandemia se dá diante de pautas que demandam uma atividade de investigação e de observação mais apuradas. Sobre isso, Pereira Junior situa o desafio do repórter no cenário desordenado dos acontecimentos a

encontrar evidências soterradas em camadas de versões, procurar certezas em situações de incerteza. O jornalista, a princípio não é apenas testemunho daquilo que o leitor não pôde ter acesso. É um processador de camadas verificáveis da realidade – não raro limitado à posição de verificador de fatos inacessíveis de forma direta, como o 11 de setembro o foi para as redações brasileiras (PEREIRA JUNIOR, p. 71, 2010).

Não muito diferente é o que vem ocorrendo com os jornalistas que cobrem a pandemia. Devido a medidas sanitárias e de prevenção, não poder entrar nos hospitais para constatar a superlotação e falta de medicamentos, por exemplo, a imprensa se vê obrigada a lidar cada vez mais com fontes oficiais, que naturalmente está envolta num jogo de versões sobre dados da pandemia, o que obrigou a criação de um consórcio de veículos de comunicação para apurar e acompanhar os números sobre a covid-19 no Brasil.

A notícia é construída no cuidado com a verificação, sobre o alicerce do levantamento de informações. Mas, como toda matéria é calcada em mediações e discursos (entrevistas, relatos, interpretações de documentos, provas e contraprovas), uma voz anularia a outra, caso não houvesse evidência consistente (PEREIRA JUNIOR, p. 71, 2010).

De volta ao apanhado das impressões das profissionais que atuam na TV Assembleia, num primeiro momento tendo trabalhado em *home office*, Gabriela conta que, mesmo com o uso das tecnologias para a produção de reportagens à distância, o medo de ser contaminada pelo novo coronavírus permanecia. Questionada se a flexibilização das medidas sanitárias

ocorrida em agosto de 2020 fez com que parte dos profissionais de imprensa “relaxassem” em relação à pandemia, ela argumentou sobre a importância da profissão.

Não creio que tenha ocorrido [um relaxamento]. Trabalhamos com jornalismo, e jornalismo é isso, é estar na linha de frente, porque a gente vai ter de dar informações. Pensar que relaxamos, não penso. Penso que nós abrimos brechas para estarmos mais perto da informação e, consequentemente, mostrar a realidade em Roraima (DUARTE, 2021).

Para Gabriela Nogueira, o jornalismo se redescobriu ao adotar as tecnologias para fazer entrevistas à distância.

Antigamente, não fazíamos matérias dessa forma. Deixávamos as pessoas terem um tempo para nos atender. Então, aprendemos que é possível produzir um bom material com o que se tem, com vídeos, entrevistas pelo Zoom, imagens de celular. O importante é a informação. Mais vertentes foram abertas para a gente (DUARTE, 2021).

Gabriela Duarte reforçou que trabalhar todos os dias e ter uma ocupação, mesmo lidando com os números crescentes da pandemia, paradoxalmente, amenizou o impacto emocional em sua vida. “Se não tivesse [o trabalho], talvez fosse pior. Já foi difícil com o trabalho, imagine sem ele”.

A principal dificuldade para Camila DallAgnol, então editora-chefe do Jornal Assembleia Informa, era coordenar tudo à distância, sem poder sair de casa. “Tomar conta de quem estava na rua, de quem estava produzindo, para saber se o direcionamento que a gente pensou originalmente ia sair na matéria”, explicou. Para ela, o controle, que até então se tinha na redação, não existia mais naquele local, onde o contato com os repórteres facilitava a dinâmica de trabalho devido à proximidade física. Depois, foi a “agilidade das coisas”.

De acordo com Camila, inicialmente se pensou em fazer um produto ao meio-dia de uma forma, mas houve dificuldades em relação à manutenção do formato original, pois ela e a equipe tiveram que adaptá-lo para algo mais compacto, rápido e dinâmico, o que fez com que todos, desde a reportagem até a produção, sentissem a diferença.

Ela contou que, ao ver surgirem tantas informações, sentiu necessidade de que também houvesse mais participações suas nos programas. Camila reforçou que a maior dificuldade foi a distância.

Todos os dias de manhã, eu e as produtoras fazíamos reuniões de pauta, por videochamada, para definir o que precisaria ser mudado. Às vezes, a equipe já estava na rua e a gente via que não daria tempo de mudar o ‘produto’ para ir ao ar ao meio-dia, e ainda tinha de pensar as pautas da tarde. Além disso, comecei a ficar mais atenta aos números, mais focada na evolução da doença [covid-19] no Estado. Acompanhar esses dados fornecidos pela Sesau [Secretaria Estadual de Saúde] era a forma mais fácil de as pessoas compreenderem a gravidade das coisas e como a consequência de não obedecer às medidas [sanitárias] refletia nas mortes (DALLGNOL, 2021).

Foto 9 - Camila Dall'Agnol e a apresentação do Sessão ao Vivo via Skype, num espaço improvisado da casa virou um estúdio



Fonte: Imagem de fotógrafo Jader Souza

O aumento no número de casos de covid em Roraima fez com que a equipe sob a coordenação de Camila colocasse os números no telejornal e, nos comentários, se atentasse tirar as dúvidas acerca dos dados divulgados pelos órgãos de saúde. “Fazer contas, proporção,

entender esses números foi outra coisa que tivemos de aprender, pois não fazia parte da nossa rotina”, afirmou ela, dando exemplo de mais uma das mudanças a que tiveram de se adaptar.

Camila DallAgnol citou que o “instinto jornalístico” fez com que ela e sua equipe corresse atrás de mais informações e desejasse que houvesse mais coletivas de imprensa com os órgãos de saúde para que pudessem tratar mais sobre o assunto pandemia. “Creio que a gente fez a melhor cobertura [da pandemia], pelo menos, na primeira onda, pois conseguimos colocar material redondinho no ar, com muitas informações”.

Ela destacou que, logo no início, não havia uma preocupação sobre o fato da pandemia de covid-19 ser o foco do telejornal, mas, com o passar do tempo, houve uma percepção de que a quantidade de informações sobre a doença “já estava fazendo mal”, pois as pessoas deixaram de receber as notícias como um alerta e passaram a encará-las como causadoras de pânico que passaram a interferir na rotina e no psicológico de todos. Essa mudança de comportamento também passou a ser abordada em matérias exibidas na TV Assembleia, a exemplo de como as crianças estavam reagindo a esse momento, as mudanças no convívio dentro de casa e os números da violência doméstica.

Como consequência, conforme destacou Camila DallAgnol, passaram a ser exibidas no jornal matérias “mais leves”, sobre encontros e saudade, como ilustrado numa reportagem sobre o Dia das Mães, tendo esta como foco uma profissional de saúde que, para manter a integridade dos filhos durante a pandemia e evitar um possível contágio, alugou uma casa com uma colega e se manteve distante da família. “Parecia algo triste, mas foi uma coisa de saudade que emocionou todo mundo”, relatou.

Pessoas se exercitando em casa e uma jovem que, de bicicleta, ia ao supermercado para fazer compras para as vizinhas idosas também fizeram parte das pautas da TV Assembleia durante esse período. Quando houve uma flexibilização das restrições impostas pelas autoridades em decorrência da pandemia, o jornal passou a acompanhar aquele momento cobrindo a reabertura do comércio, filas em bancos e movimentos nas praças de Boa Vista.

Com o tempo, foi natural que a pauta fosse reduzida, até mesmo porque nosso foco é o Parlamento, que começou a entrar com outras pautas, outras preocupações, como a campanha eleitoral. À medida que nos aproximávamos desse período, passamos a falar menos de covid e mais de campanha. Como ela estava se desenrolando, como as pessoas estavam se informando sobre isso, as modificações nas datas, nos programas eleitorais. Tudo linkado à pandemia, mas com outro foco (DALLGNOL, 2021).

Sobre o contato com as fontes e entrevistados, que teve de ser remodelado em tempos de pandemia, quando esses atores passaram a atuar até mesmo como “produtores” de vídeos, ela ressaltou que, em alguns casos específicos, como o da reportagem sobre a enfermeira, foram necessários a presença da equipe de TV e o contato direto com a personagem, para que se pudesse “extrair o máximo” desse tipo de reportagem.

Foto 10 - Profissionais nas externas, distanciamento e o uso de máscaras



Fonte: Imagem de fotógrafo Jader Souza

Em relação à maioria das matérias produzidas durante esse período, a adaptação não foi difícil, tendo em vista que as pessoas estavam isoladas e os próprios entrevistados se colocavam à disposição para que tudo fosse feito à distância o que, conforme Camila Dallagnol, foi adotado por quase toda a imprensa televisiva. Algumas imagens de apoio, devido à qualidade, não puderam ser usadas, e as matérias foram cobertas com outro material, aproveitando-se apenas a sonora enviada pelo entrevistado.

Para ela, parte dessas mudanças fez com que se abrisse um horizonte, que se tornou uma vantagem, por exemplo, ao poder entrevistar pessoas em outros estados e até mesmo países, e tratar de assuntos que, de alguma maneira, tenham relação com a realidade de Roraima.

Sobre o receio de contágio, Camila afirmou que a preocupação com todos os integrantes da equipe de jornalismo sempre foi muito grande.

Sempre alertava, mandava mensagens para quem estava na externa para não esquecer os cuidados. Mas, pessoalmente, eu fiquei muito paranoica. Chegou um momento em que eu queria voltar, não queria mais ficar em casa. Já era uma questão de saúde mental. Sentia uma necessidade de voltar à rotina, isso estava falando mais alto. Achava que não estava mais rendendo profissionalmente, criativamente. Senti muito o isolamento, fiquei psicologicamente muito abalada. Me aproximei do meu filho mais novo, na questão de escola, educação, pegando mais no pé dele, mas não sei até que ponto isso foi bom ou não. Sinceramente, tenho dúvidas, pois acho que ficou muito dependente de mim e, quando me afastei, ele sentiu (DALLGNOL, 2021).

A pesquisa destaca um levantamento do que foi produzido pelo telejornalismo do programa Assembleia Informa da TV ALE-RR, de março a agosto de 2020. O período selecionado se justifica pela compreensão de analisar as mudanças provocadas no modo de fazer jornalismo em contexto de pandemia com a chegada do vírus no Estado e o agravamento dos números de infectados e mortes, no interstício considerado o pico da doença na chamada primeira onda da covid-19 em Roraima. Os dados que corroboram foram extraídos do Boletim Epidemiológico da Secretaria Estadual de Saúde (Sesau) enviados à imprensa diariamente.

De 23 de março a 8 de maio, foram ao ar 30 programas do jornal Assembleia Informa 1ª Edição. Em formato de boletim informativo com duração média de 15 minutos, a apresentação era ao vivo. Em dias de feriados e pontos facultativos, somente o telejornal 2ª edição é veiculado na grade de programação. No entanto, o jornal é gravado, isso porque a emissora legislativa acompanha a paralisação em dia não úteis e atua com equipes de plantão para reportagens que prioritariamente tenham ligação com o Parlamento.

Divididos em dois blocos, os conteúdos do jornal Assembleia Informa 1ª Edição eram predominantemente sobre a pandemia. As equipes iam cedo apurar as informações para garantir ao meio-dia, um material inédito aos telespectadores e internautas que acompanham o jornal pelas redes sociais da Assembleia Legislativa de Roraima. O primeiro bloco era marcado pela participação ao vivo dos repórteres direto do Pronto Atendimento Airton Rocha do Hospital Geral de Roraima, unidade de saúde que faz o primeiro atendimento aos pacientes

suspeitos de covid-19. Nesse quadro, eram apresentados os números de casos no Estado e as ações executadas pelos governos Federal, Estadual e Municipal para conter o avanço da doença. Um momento também de reforçar os cuidados para evitar a contaminação e proliferação do vírus.

No primeiro dia de telejornal extra, foram noticiados os dois primeiros casos de covid no Estado, filas em supermercados devido as restrições sanitárias, avanço dos serviços de delivery e a movimentação nos postos de saúde para vacinação dos idosos contra a influenza. A campanha foi antecipada na tentativa de proteger os mais vulneráveis de outras doenças com sintomas gripais

No dia seguinte, os casos suspeitos da doença avançavam. E paralelo, as denúncias de falta de equipamentos de proteção individual como luvas, máscaras e álcool em gel para prevenção contra o coronavírus. Os profissionais de saúde ocuparam espaço no jornal para cobrar melhores condições de trabalho na guerra contra um vírus desconhecido. Em meio a tantas dificuldades, uma reportagem que retrata exemplo de solidariedade encerra o jornal do dia. Artesãs confeccionam máscaras para doar a quem precisa.

Na mesma semana foi noticiado que a doença se expandiu para o interior do Estado. Em pouco tempo, Roraima vivenciava a transmissão comunitária. Ou seja, é quando o vírus circula entre as pessoas e os infectados contraíram a doença independente de terem viajado para local pandêmico. Bonfim, município que faz fronteira com a Guiana foi o primeiro a registrar casos suspeitos e confirmados da doença no interior. O prefeito da cidade também foi o primeiro a endurecer as medidas de prevenção para evitar o aumento de casos da doença. Instituiu toque de recolher a partir das 10 horas da noite e liberou parcialmente o funcionamento dos comércios.

No dia 27 de março, a TV Assembleia fez a transmissão ao vivo da primeira sessão remota da história do Parlamento. Todos os detalhes das deliberações foram pontuados no jornal da emissora. Foram aprovados 18 projetos de leis ligados a pandemia da covid-19. Entre eles, criação de um Fundo Emergencial de Saúde para prevenção do coronavírus; distribuição de álcool gel 70%, às famílias de baixa renda e proibição do corte de água e energia elétrica durante a pandemia, uma vez que esses tipos de serviços são considerados essenciais.

Diante de tantas notícias falsas, uma iniciativa do deputado petista Evangelista Siqueira foi aprovada pela maioria dos parlamentares. Trata-se de um projeto de lei que estabelece multa para quem divulgar notícias falsas nos meios eletrônicos, sobre surtos, epidemias, endemias e pandemias em Roraima. Segundo o deputado, a medida tem o objetivo

de proteger os cidadãos da desinformação. A lei foi promulgada pelo presidente da Assembleia Legislativa no dia 14 de maio de 2020 e as multas podem chegar até R\$ 9 mil. Ação que reforça os trabalhos dos jornalistas que além de levar fatos, passou a se ocupar com o ofício de combater *fakes*.

Foram feitas coberturas das aulas na modalidade a distância ofertados pela Escola do Legislativo; anúncio do auxílio emergencial e as longas filas nas agências bancárias; cobranças para o funcionamento do Hospital de Campanha com 120 leitos para pacientes com covid e campanhas de doação de sangue devido ao baixo estoque provocado pela pandemia.

Um dos momentos tensos na cobertura de assuntos ligados a pandemia foi a manifestação de empresários e lojistas contrários aos decretos municipal e estadual que determinaram o fechamento do comércio. Em protestos, eles reabriram os estabelecimentos na primeira segunda-feira de maio de 2020. A jornalista Yasmin Guedes, que fazia a cobertura dos comércios fechados na avenida Jaime Brasil – centro comercial da Capital, relatou na ocasião que foi hostilizada por uma mulher no momento da gravação da passagem da matéria. A mulher não identificada acusou a repórter de prejudicar os comerciantes. Parte das ofensas foram gravadas pelo cinegrafista Rondinele Esbell. “Fiquei muito abalada e até mesmo com medo. Nunca imaginei que um dia passaria por situação semelhante, até mesmo porque nosso papel como jornalista é informar”, declarou Guedes, assim que retornou para redação da TV Assembleia.

A primeira morte em Roraima por complicações da covid-19 foi anunciada pela Sesau no dia 3 de abril, 13 dias depois da confirmação de casos da doença em Roraima. Segundo o Boletim Epidemiológico, o idoso de 60 anos já teria chegado à unidade de saúde em estado grave de dificuldade respiratória. Neste dia, o Estado contabilizada 37 casos positivos. O jornal Assembleia Informa só noticiou a primeira morte na edição de 6 de abril, isso porque o Boletim enviado à imprensa foi encaminhado às 19h35 de sexta-feira, depois que o jornal já tinha ido ao ar. Na redação, o clima era de tristeza. “A gente não tinha naquela época, a dimensão da doença. Informar a primeira morte e analisar os números de contaminados crescendo a cada dia, nos dava medo”, relatou a então editora-chefe do jornal Assembleia Informa, Camila Dall’Agnol.

Março fechou o mês com 22 casos da doença e nenhuma morte. No entanto, conforme tabela divulgada pela Secretaria Estadual de Saúde, relatório atualizado dia 30 abril, confirmava 519 pessoas infectadas e sete vidas perdidas. Clara demonstração do avanço rápido da doença em Roraima. Os jornalistas da TV Assembleia passaram a compor os

números de infectados pela covid-19. Houve redução de equipes na redação, mas todos os dias, de segunda a sexta, o jornal Assembleia Informa ocupou a grade de programação da emissora às 18h, ao vivo. Foram 109 edições do telejornal, desde 23 de março até 31 de agosto de 2020, com assuntos relacionadas a pandemia do novo coronavírus.

Dividido em três blocos, o telejornal das 18h inicia com os números da covid-19 no Estado. Por meio de uma cartela, o repórter faz a participação ao vivo informando os números também na Venezuela, Guiana e Amazonas por fazerem fronteira/divisa com Roraima. Em seguida, são apresentados os dados nacionais. Nos dias de sessão plenária o Parlamento ganha destaque, mas o assunto pandemia tem sido pauta constante no legislativo estadual. Um dos temas que gerou muita polêmica foi a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Saúde da Assembleia Legislativa de Roraima.

A CPI foi instalada em agosto de 2019 para investigar possíveis irregularidades em contratos na Secretaria Estadual de Saúde desde 2015 até o período da pandemia. Escândalos como a compra de respirados superfaturados, insumos e equipamentos de combate a covid-19 e a troca constante de secretários de Saúde fizeram parte de um requerimento assinado pelos deputados Janio Xingu, Dhiego Coelho e Betânia Almeida solicitando a abertura de impeachment do governador do Estado Antonio Denarium, no dia 6 maio de 2020. O documento nunca foi apreciado no Plenário da Assembleia Legislativa de Roraima.

Os números de infectados registrados em maio anunciava o pico de contágio da doença em Roraima de junho de 2020. A então prefeita de Boa Vista Teresa Surita afirmou na época o que os dados já demonstravam. Medidas para conter o avanço foram adotadas tanto pelo Governo do Estado quanto Prefeitura de Boa Vista, que concentra na capital o maior número de casos de covid-19. O atraso na abertura do Hospital de Campanha associado a falta de distanciamento social, uso de máscara e álcool em geral pela população pode ter contribuído para a explosão de infectados. Em maio, conforme o Boletim Epidemiológico, foram registrados 3.195 novos casos da doença e 109 mortes. Em julho, esses números são mais assustadores. Quase 12 mil pessoas foram infectadas e 205 óbitos. A curva crescente avança em julho com 20.773 pessoas contaminadas e 308 vidas perdidas em decorrência da covid-19. Um dos fatores que podem ter contribuído para esses números foram as festas clandestinas realizadas em Boa Vista.

No jornal Assembleia Informa, no dia 4 de junho, foi veiculada uma reportagem que mostra um vídeo com várias pessoas ingerindo bebidas alcoólicas, sem uso de máscara e

distanciamento. As imagens foram extraídas da página no Instagram vacilocovidbv, que em dois meses de criação, já contava com mais de 35 mil seguidores. O perfil foi criado para denunciar casos de desrespeito as medidas sanitárias de combate a covid-19. Durante junho, o programa jornalístico continuou mostrando as aglomerações em agências bancárias e supermercados. Um rápido passeio pela avenida Jaime Brasil era possível flagrar várias pessoas que não obedeciam às determinações da Organização Mundial de Saúde, como evitar aglomerações e o uso de máscaras, item obrigatório desde a aprovação da Lei nº 1.411, de 3 de junho de 2020. A prefeitura de Boa Vista já tinha publicado em abril, decreto tornando obrigatório o uso de máscara em instituições públicas e no comércio.

O jornal Assembleia Informa deu destaque para o plano de retomada da atividade econômica da Capital, estruturado em três etapas. A primeira ocorreu dia 20 de julho com a liberação de estabelecimentos como clínicas, salões de beleza, centros comerciais, igrejas e instituições religiosas. O período coincidiu com o processo de lançamentos de pré-candidaturas a Prefeitura de Boa Vista, adiamento das eleições 2020, cadastramento de mesários. A TV acompanhou todas as mudanças legislativas sobre o processo eleitoral na pandemia. Julho contabilizou 20.773 novos infectados e 308 mortes.

A segunda etapa do plano de retomada da atividade econômica, prevista para o dia 4 de agosto precisou esperar mais um pouco, uma vez que a taxa de ocupação de leitos era 71,1%. Porcentagem acima do recomendado que é 70%. Nessa fase seriam autorizados os funcionamentos de academias, *personal trainer*, praças públicas, bares e restaurantes com atendimentos restritos. A medida buscava evitar o surgimento de novos casos da covid-19. E foi o que ocorreu. Agosto se encerrou com notícias boas. Houve uma desaceleração dos casos de covid-19 e número de mortes. Foram registrados 22.934 novos infectados e 285 mortes em consequência do novo coronavírus. Os números foram suficientes para flexibilização de medidas para abertura gradual do comércio. Aos poucos, os restaurantes passaram a disponibilizar aos clientes o serviço de self-service com música ao vivo em bares. O ato ocorreu após manifestação da classe artística.

5.3 A problematização à luz da mediação da tecnicidade

O painel apresentado na sessão anterior demonstra que, diante dos aspectos e elementos abundantes nos relatos e na organização de dados observados, a pandemia causada pelo novo coronavírus provocou mudanças e transformações significativas nas rotinas de produção da notícia no programa televisivo Assembleia Informa, da TV Legislativa de Roraima.

Variadas são as maneiras pelas quais essa reconfiguração no interior dos processos telejornalísticos se manifesta. Desde as mudanças que se materializam na estrutura do programa Assembleia Informa, por meio da supressão e da inclusão de conteúdo extra na grade, até aquelas que se recaem sobre os formatos e as lógicas de trabalho antes estabelecidas por outro contexto de vida diferente do que vem sendo determinado pela covid-19 em Roraima, no Brasil e no mundo. Referente a isso podemos elencar: as alterações na jornada profissional, com redução em fases mais críticas da doença, as diretrizes que instituem o *home office*, e em torno dele toda uma gama complexa de desmontagem e remontagem de operações técnicas, físicas, afetivas e emocionais na readequação dos ambientes domésticos e privados invadidos e reconfigurados pela seara pública. Outro deslocamento, não menos importante, é aquele em que as novas formas, antes listadas e regidas pela necessidade do distanciamento social, vão interferir nas relações entre a produção e as fontes, nas entrevistas e na partilha de saberes antes concentrados na esfera de autonomia técnica e lógica da rotina jornalística.

Trata-se, portanto, de uma intrincada rede de reconfigurações que se estende em diferentes possibilidades de usos e de significação. Por exemplo, dessa nova realidade apresentada, podemos desenvolver uma linha positiva de reflexão ao pensar todos os novos processos de aprendizagens que foram ativados, desde as tecnologias digitais até um corpo de adaptações físicas e mentais. Também podemos erguer perspectivas integradas pela modelagem trágica dessas novas formas de se fazer jornalismo, tendo por moldura a postura política do poder central que tanto dificulta o trabalho no campo da informação jornalística pelo jogo dual que situa a imprensa como inimiga da pátria e, principalmente pela postura negacionista e omissa na gestão da crise sanitária no Brasil, fazendo com que o comportamento social das pessoas amplie a gravidade e propagação da doença e, conseqüentemente, isso demande medidas de restrição que alcançam vários segmentos sociais, inclusive o trabalho praticado pelo jornalismo.

Nota-se, dessa forma, que a constatação das alterações não é de natureza estanque ou etapista, ou seja, não se firma e nem se explica unicamente no interior da etapa do processo

de produção do telejornal, A causa que estabelece as alterações e a profunda relação com as novas formas de comportamento social transborda e alimenta as conexões dentro e fora do ambiente profissional. De modo que a prática social do telejornalismo durante a pandemia passa a ser analisada nos termos das mediações que ajudam a compreender melhor como se realiza esse processo cultural-comunicacional.

Em outras palavras, é a partir das mediações sociais que as pessoas se relacionam com a comunicação de massa, que a oferta proposta pelo telejornalismo, por exemplo, é também um sentido negociado com a visão de mundo, com os hábitos, as crenças e os desafios desse nosso contemporâneo pandêmico. Ou seja, a mídia já não atende apenas ao seu sistema industrial, ela precisa se adequar às exigências oriundas das práticas sociais cotidianas do receptor e das intempéries da vida social na qual se situa.

Mas a análise cultural da comunicação com base no estudo de caso do programa Assembleia Informa convoca, diante da predominância de um novo modo de realizar as suas produções telejornalísticas, a dimensão da tecnicidade. Diante do contexto da pandemia e da constante evolução da tecnologia móvel, a internet e seus serviços derivados respondem pelas reconfigurações desse modelo e possibilitam o trabalho da informação jornalística diante de um cenário que reforça a importância do distanciamento social como uma das medidas necessárias para conter o avanço do novo coronavírus.

Por serem as novas tecnologias modificadores de um conjunto de ações no escopo da cultura e da dinâmica da vida, conectando diferentes sociedades, a mediação da tecnicidade (que integra um campo epistemológico com as dimensões da socialidade, ritualidade e institucionalidade no modelo barbereano) ganha destaque na presente análise.

Observa-se que o comportamento reativo do telejornalismo da TV ALE-RR como resposta às dificuldades de interação impostas pela circulação e ameaça do vírus, se evidencia diante do inesperado e pede céleres aprendizagens. A dimensão da tecnicidade, com base no contexto estudado, impõe a adoção de estratégias para contornar a situação do distanciamento. E a urgência dos ajustes acaba por fomentar o processo de reelaboração de experiências no cotidiano da cultura profissional.

O texto de Girardi Júnior “De mediação em mediação: a questão da tecnicidade em Martín-Barbero” chama a atenção para alguns deslocamentos que o próprio Jesús Martín-Barbero vem realizando e o lugar que a comunicação, enquanto meio e materialidade, vem conquistando em suas pesquisas, especialmente pela ótica da tecnicidade.

Na busca por essa interlocução, o caminho proposto para o debate não consiste tanto em ir dos meios às mediações ou das mediações aos meios, mas de mediações em mediações, para que seja possível identificar as diversas configurações ou formações comunicacionais da cultura (GIRARDI JÚNIOR, 2018, p. 168)

Ao destacar cada mediação, e no caso específico em análise, a tecnicidade, é possível por meio dela perceber o quanto o componente técnico alterou o processo de produção do telejornalismo local. Nisso, não se trata da técnica pela técnica, novamente é importante, em atenção aos estudos culturais e às mediações propostas por Martín-Barbero, compreender que o componente tecnológico desencadeia as mudanças em estreita correlação com a vida social e política.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da covid-19 modificou as rotinas de trabalho dos jornalistas. Seja do impresso, rádio, web e TV, principalmente, onde o contato físico com a fonte/entrevistado era até pouco tempo indissociável do processo de construção da notícia. Há mais de um ano, essa vivência do cotidiano precisou se adaptar aos protocolos de prevenção para evitar a contaminação do novo coronavírus a afetou substancialmente a forma de fazer telejornalismo. Em Roraima, a TV Assembleia precisou adotar um protocolo de contingenciamento para proteger os profissionais e evitar a transmissão do vírus. Uso de máscara, álcool em gel e distanciamento social foram incorporadas às rotinas de trabalho.

Por se tratar de uma emissora institucional, de caráter público, a Superintendência de Comunicação da Assembleia Legislativa de Roraima – responsável pela coordenação dos trabalhos da TV Assembleia, optou por não adotar o ponto facultativo decretado pela Casa Parlamentar após a confirmação dos primeiros casos de covid no Estado, e manter o diálogo do Poder Legislativo com a população por meio do jornalismo da emissora, que tem como missão divulgar as ações do parlamento e fatos de interesse geral da população.

Esta pesquisa buscou identificar as mudanças provocadas pela pandemia no contexto do telejornalismo do programa Assembleia Informa da TV Assembleia Legislativa de Roraima. As formas de atuação desde a produção da pauta até a exibição da reportagem no telejornal foram alteradas pelos protocolos sanitários, impondo novas rotinas e outras estratégias de produção da informação. Os desafios da pandemia também afetaram a vida humana em diferentes perspectivas das relações sociais, políticas, econômicas e culturais.

A emissora institucional fez frente aos veículos de comunicação comercial com produções diárias sobre a pandemia da covid-19. Mesmo com equipes reduzidas na redação e outros em sistema *home office*, o telejornalismo da TV Assembleia ganhou uma edição extra do jornal Assembleia Informa. Entradas ao vivo na abertura do telejornal mostravam os números cada vez crescente de infectados pelo novo coronavírus e mortes em decorrência da covid-19. E os indicadores que se tem com os dados apurados pelo consórcio de veículos de comunicação é de que a pandemia está longe de ter um fim.

Nesse contexto, a característica informativa do telejornalismo foi forjada por meios de conteúdos educativos e pedagógicos para combater discursos negacionistas, que desde o começo da pandemia têm minimizado a doença e incentivado a população a abandonar as medidas sanitárias de prevenção ao novo coronavírus em nome da economia e manutenção

dos postos de trabalho. Ou seja, muito mais que lutar contra um inimigo invisível, o jornalista luta contra a ignorância e flagelo dos fatos.

O caráter dialógico com a fonte foi uma das mudanças mais visíveis provocadas pela pandemia da covid-19 no telejornalismo da TV Assembleia. As entrevistas virtuais se tornaram rotina. O contato físico e o olho no olho deram espaço para as produções de vídeos feitas pelo próprio entrevistado que passou a ser um aliado na execução da matéria. Aquele que era um personagem da reportagem, se tornou um construtor da própria história. Essa relação, de certo modo, fortaleceu a confiança entre repórter e entrevistado, apesar de haver ganhos e perdas nesse processo.

Ressignificar o processo do que Medina (2001) considera como diálogo possível entre fonte/entrevistador ainda deve levar um tempo diante do desafio de se manter o distanciamento social. O uso da tecnologia tem agilizado a apuração da notícia, e ditado novos rumos para o telejornalismo. As mudanças provocadas pela pandemia sugerem um diálogo cada vez mais híbrido com o entrevistado, menos preocupação com a estética, mais voltado à pluralidade de vozes e credibilidade do telejornalismo num contexto de tantas notícias falsas e desinformação.

Para a leitura e interpretação no espaço concreto e cotidiano desse amplo painel de mudanças que passaram a atravessar a prática social da produção simbólica do jornalismo na pandemia fomos guiados pela perspectiva teórica dos estudos culturais, notadamente pelo que essa vertente oferece de compreensão sobre o campo cultural na vida ordinária. De modo mais específico, com base nas pesquisas dos estudos culturais em solo latino-americano, esse panorama que a observação empírica e as entrevistas redesenharam foi analisado pela orientação teórica das mediações em Jesús Martín-Barbero, tomando em foco a tecnicidade, por se mostrar expressiva para a compreensão do contexto.

Assim, a mídia aqui vista pela atuação e resignificação do telejornalismo da TV Assembleia, a cultura e a sociedade estão embricadas profundamente pela pandemia do novo coronavírus. O mapeamento das pistas deixadas em 2020 na rotina profissional da atividade jornalística nos revela que as tecnologias digitais e móveis, são mais que máquinas, são processos técnicos que permitiram dar materialidade a notícia em um cenário onde as formas antes padronizadas de realizá-las precisaram ser profundamente perpassadas por elas e por seus novos usos, ampliando as redes sociotécnicas enquanto não é possível, por segurança sanitária, retomarmos as formas anteriores, se é que teremos um caminho de volta. Por enquanto, cedo demais para afirmar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Melissa Ribeiro. **Contribuições e limitações dos estudos culturais em pesquisas sobre recepção televisiva em “segunda tela.** ALCAR 2015. UFRGS.

AZEVEDO, Fábio Palácio de. O Conceito de Cultura em Raymond Williams. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS).** São Luís - Vol. 3 - Número Especial jul./dez. 2017.

ASSIS, Francisco. Personagens anônimos e histórias de interesse humano: a relação entre a fonte e o formato no jornalismo de Eliane Brum. **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação,** Intercom, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0605-1.pdf> > Acesso em: 13 de jul. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2006.

BRASIL. (Constituição da República de 1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Senado Federal: Brasília, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad.** Buenos Aires: Sudamericana, 1995.

CAMPANELLA, Bruno. **Novos desafios teóricos para os estudos do consumo televisivo.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v.13, n.1,5-13, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2003.

DUARTE, Jorge (Org.) **Comunicação pública: estado, mercado, sociedade e interesse público.** São Paulo: Atlas, 2009.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais – Uma versão latino-americana.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. As relações de gênero nos estudos de recepção: notas sobre metodologias de pesquisa e suas repercussões teóricas. **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.** Intercom. 2002. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP13ESCOSTEGUY.pdf> Acesso em 13 jul. 2019.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Estudos culturais latino-americanos e Jesús Martín-Barbero: mais afinidades do que disputa. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p99-113> > Acesso em 13 jul. 2019.

FECHINE, Yvana. A programação da TV no cenário de digitalização dos meios: configurações que emergem dos reality shows. In: FREIRE FILHO, João (org.) **A TV em transição: tendências de programação no Brasil e no mundo.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

GOMES, Itania. **Efeito e recepção: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media**. Rio de Janeiro: e-papers, 2004.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução Suzana Alexandria. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JARDIM, Márcia de Almeida. **Antenas do Legislativo. Uma análise dos canais de televisão do Poder Legislativo no Brasil**. 2008. [Tese] Doutorado em Ciências Sociais, Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas (Unicamp). 357 p.

JUNIOR, Luiz Costa Pereira. **A apuração da notícia – métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LEI DE CABOS. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18977 > Acessado em 01 de julho de 2019.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: edições Loyola, 2003.

_____. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. Revista Matrizes. São Paulo, jan / jun 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82931> Acesso em 13 jul. 2019.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Solvik. Trad. Adelaide La Guardiã Resende... [et all]. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.C.; FRANÇA, V.V. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e Hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1997.

_____. Muñoz, Sonia (coords.). *Televisión y melodrama. Géneros y lecturas de la telenovela* en Colombia. Bogotá: Tercer Mundo, 1992.

_____. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. Traduzido por Fidelina Gonzáles. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista – O dialogo possível**. São Paulo: Editora Ática, 2001.

MELO, Paulo Vitor Purificação. **Estado e comunicação: Uma análise das TVs legislativas estaduais no Brasil**, São Cristóvão, SE: [s.n.], 2014

MONTEIRO, Carlos Barros. **Para que serve a TV Legislativa no Brasil e no mundo**. São Paulo: Editora Biografia, 2011.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez;Unesco, 2001b.

PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso**. São Paulo: Hacker Editores. 2002.

ROTHBERG, Danilo. Contribuições às políticas e estratégias de comunicação pública e democracia digital. In: BRUNIELLI, Anna Flora; SIMIS, Anita; (et al.). (Org). **Comunicação, Cultura e Linguagem**. São Paulo: Editora, 2014. p.150-170. (Duarte 2011, apud ROTHBERG, p.148)

SANTI, Vilso Junior. **Mediação e Mídiação** – Conexões e Desconexões na Análise Comunicacional. Jundiaí: Paco Editorial. 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª edição. Sao Paulo: Cortez, 2007. 304 p.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2016.